

CISION®

PRESS BOOK

CISION

1. Carlos Martinho vai ser treinador de andebol do Porto, RTP1 - Jornal da Tarde, 21/06/2026	1
2. Mundial 2026 - André Villas-Boas, SIC Notícias - SIC Notícias Domingo, 21/06/2026	2
3. Marienses joga em casa, Açoriano Oriental, 21/06/2026	3
4. Croácia inova no treino com... bolas de andebol e caixotes do lixo, Bola Online (A), 21/06/2026	4
5. Atletas leirienses convocados para o Mundial de Andebol de Praia, Diário de Leiria Online, 21/06/2026	5
6. Setúbal recebe 1.100 antigos craques do andebol europeu num dos maiores eventos do ano, Diário do Distrito Online, 21/06/2026	6
7. Não irá ser um mercado de 100 milhões", Jogo (O), 21/06/2026	8
8. ANDEBOL - FC Porto Vintage nas duas finais, Jogo (O), 21/06/2026	17
9. FC Porto Vintage + 35 é heptacampeão no Europeu de Masters de andebol, Jogo Online (O), 21/06/2026	18
10. Andebol: FC Porto Vintage sagra-se campeão europeu +45 anos, Jogo Online (O), 21/06/2026	19
11. F. C. Porto Vintage em duas finais europeias, Jornal de Notícias, 21/06/2026	20
12. "Não há outra forma, somos nós contra Lisboa, Jornal de Notícias, 21/06/2026	21
13. F. C. Porto Vintage sagra-se campeão europeu +45 e +35 anos em andebol, Jornal de Notícias Online, 21/06/2026	26
14. André Villas-Boas: "Quando deixar de ser unânime nem sequer me recandidato", Jornal de Notícias Online, 21/06/2026	27
15. Croácia afina pontaria com bolas de andebol e... caixotes de lixo, Notícias ao Minuto Online, 21/06/2026	39
16. De Lewandowski à ameaça ao Sporting. Villas-Boas não deixa nada por dizer, Notícias ao Minuto Online, 21/06/2026	40
17. Percurso de sucesso. Carlos Martingo com três medalhas de prata em seis anos, RTP Online, 21/06/2026	42
18. Caso do amoníaco: Villas-Boas diz que Sporting "ultrapassou todos os limites" e promete recorrer à justiça, SIC Notícias Online, 21/06/2026	43
19. FC Porto Vintage sagra-se campeão europeu +45 e +35 anos em andebol, TSF Online, 21/06/2026	44
20. André Villas-Boas: "Não tenho feito outra coisa que não seja honrar o passado de Pinto da Costa", TSF Online, 21/06/2026	45



Carlos Martinho vai ser treinador de andebol do Porto

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=dc626c18-2250-4112-96e8-e7e910c01a8d&userId=cea27784-a7a8-429c-b774-b23c6950c0bc>

Carlos Martinho vai ser o treinador da equipa de andebol do Porto. O ainda seleccionador nacional de sub-20 está motivado pelo novo desafio, mas antes disso quer levar Portugal ao título europeu.

ID: 123634782

21-06-2026 11:30



Mundial 2026 - André Villas-Boas

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=34abfa17-4ddb-4b67-9b20-5b20f0b60fff&userId=cea27784-a7a8-429c-b774-b23c6950c0bc>

André Villas-Boas, em entrevista, abordou o Futebol Clube do Porto e a seleção nacional. Destacou que o Ministério Público se prepara para arquivar o caso do amoníaco envolvendo o Sporting, considerando-o um episódio inventado pelo clube leonino. Villas-Boas criticou a liderança do Sporting por injúria, calúnia e vitimização contra o FC Porto.

Intervenientes:

- André Villas-Boas, presidente FCP

ID: 123628706

21-06-2026

Marienses joga em casa

ANDEBOL. O Marienses joga esta tarde, em Vila do Porto, a partida em atraso da nona jornada do Grupo B Zona 1 da 2.ª Divisão nacional.

O jogo é frente ao Padroense e tem início marcado para as 18h00. O conjunto norte-nho está no sexto lugar com 40 pontos e o Marienses é sétimo com 39, ocupando o primeiro lugar em zona de des-promoção. ■ AM

Croácia inova no treino com... bolas de andebol e caixotes do lixo

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Bola Online (A)

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=9fe833c0>

Dalic orientou uma sessão de treino diferentes antes do segundo duelo do Mundial 2026 com o Panamá

A seleção da Croácia recorreu a métodos de treino pouco ortodoxos na sua preparação para o próximo jogo contra o Panamá, agendado para esta terça-feira. Num treino realizado este sábado em Alexandria, nos Estados Unidos, os jogadores utilizaram bolas de andebol, caixotes do lixo e outros alvos invulgares.

A Federação Croata de Futebol partilhou imagens da sessão, destacando a criatividade dos exercícios. Objetivos não convencionais. Bolas de tamanhos diferentes. A mesma obsessão em acertar no alvo , escreveu o organismo nas suas redes sociais.

View this post on Instagram

A post shared by Hrvatski nogometni savez (@hns_cff)

Durante a atividade, os atletas foram vistos a fazer toques de bola em movimento com bolas de andebol e a tentar acertar, com a mão, num alvo colocado no ângulo da baliza. Outros exercícios incluíam o uso da Trionda, a bola do Campeonato do Mundo, para acertar em cones e caixotes do lixo espalhados pelo relvado, tanto com os pés como com a cabeça.

Este treino surge na sequência da derrota da Croácia na estreia no Grupo L, por 2-4, frente à Inglaterra. Depois de defrontar o Panamá na segunda jornada, a equipa croata encerrará a sua participação na fase de grupos contra a seleção do Gana, de Carlos Queiroz, no próximo sábado.

Redação

Atletas leirienses convocados para o Mundial de Andebol de Praia

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Diário de Leiria Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=f8e728e6>

Atletas leirienses convocados para o Mundial de Andebol de PraiaCampeonato do Mundo de Andebol de Praia, em Zagreb, na Croácia, arranca esta terça-feira.

Francisco Santos e Tomás van-Zeller estão convocados para representar Portugal no Campeonato do Mundo de Andebol de Praia, em Zagreb, na Croácia, que decorre entre 23 e 28 deste mês.

Depois da medalha de bronze no Mundial de 2024 e da medalha de prata nos The World Games 2025, os dois leirienses regressam agora às competições nacionais.

Tags: AndebolRedaçãoJunho 21, 2026 . 17:30Partilhe este artigo:Junte-se à conversa0Espere! Antes de ir, junte-se à nossa newsletter.

Ao assinar, concordo em receber e-mails do Diário de Leiria e com a política de privacidade.

Deixe este campo vazio se for humano:

[Additional Text]:

Redação

Redação

Setúbal recebe 1.100 antigos craques do andebol europeu num dos maiores eventos do ano

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Diário do Distrito Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=7e735cd1>

Cerca de 1.100 atletas de 13 países estão em Setúbal para disputar o Campeonato Europeu de Masters de Andebol. A competição reúne antigas estrelas da modalidade e decorre até domingo com entrada gratuita.

Setúbal tornou-se esta semana a capital europeia do andebol veterano ao receber o EHF European Masters Handball Championship 2026, uma competição que reúne cerca de 1.100 atletas distribuídos por 62 equipas oriundas de 13 países.

O torneio, considerado o único campeonato oficial de masters da modalidade a nível mundial, decorre até domingo e transforma vários pavilhões da cidade em palco de reencontros entre antigas referências do andebol europeu.

Organizada pela Federação Europeia de Andebol, pela Federação de Andebol de Portugal e pela Câmara Municipal de Setúbal, a prova junta antigos internacionais e jogadores profissionais que marcaram diferentes gerações da modalidade.

A competição abrange vários escalões etários, tanto masculinos como femininos, permitindo que atletas com mais de três décadas de ligação ao andebol continuem a competir ao mais alto nível e a celebrar a paixão pelo desporto.

Os jogos estão distribuídos pelos pavilhões municipais das Manteigadas, João dos Santos e Antoine Velge, com entrada gratuita para o público. A organização espera uma forte adesão de adeptos, familiares e curiosos que pretendam assistir a partidas disputadas por algumas das figuras que ajudaram a construir a história do andebol europeu.

Apresentado como um encontro entre passado, presente e futuro da modalidade, o evento tem como objetivo promover os valores da amizade, do convívio e do espírito desportivo, mantendo viva a ligação dos antigos atletas ao andebol.

As finais estão agendadas para domingo de manhã no Pavilhão Municipal das Manteigadas, seguindo-se a cerimónia de encerramento e entrega de prémios durante a tarde.

Esta é a terceira vez que Portugal acolhe a competição, depois das edições realizadas em Gondomar e Paredes. Em 2026, cabe a Setúbal receber aquela que é considerada a maior prova europeia de andebol para veteranos e a única reconhecida oficialmente pela Federação Europeia de Andebol.

Ao longo de quatro dias, a cidade afirma-se assim como um ponto de encontro privilegiado para centenas de antigos atletas que continuam a celebrar a modalidade que marcou as suas carreiras e vidas.

Se tiver sugestões ou notícias para partilhar com o Diário do Distrito, pode enviá-las para o endereço

de email geral@diariodistrito.pt

Sabia que o Diário do Distrito também já está no Telegram? Subscriba o canal.

Já viu os nossos novos vídeos/reportagens em parceria com a CNN no YouTube? Inscreva-se no nosso canal!

Siga-nos na nossa página no Facebook! Veja os diretos que realizamos no seu distrito

TagsEHF European Masters Handball 'Setúbal EHF European Masters Handball Championship 2026
Federação de Andebol de Portugal Federação Europeia de Andebol Município de Setúbal Pavilhão
Municipal das Manteigadas
Bruno

FC PORTO

O JOGO/JN/TSF
Presidente do FC Porto faz o balanço de uma temporada feliz e lança as bases para os novos desafios

ANDRÉ-VILLAS BOAS

“Abordagem ao mercado será diferente”



Villas-Boas explica o investimento histórico de 2025/26 e como isso influencia a nova temporada. Há uma “boa base” para reforçar de forma “estratégica”, sem esquecer as responsabilidades financeiras.

NUNO VIEIRA
PEDRO IVO CARVALHO
VÍTOR SANTOS

●●● O FC Porto vive entre duas verdades: o investimento de 100 milhões de euros no mercado de transferências tornou-o campeão, mas a realidade financeira obriga a prudência. Há vários alvos identificados, mas o mercado deve mexer-se mais tarde. O FC Porto, no ano passado, fez o maior investimento da história, ao gastar 100 milhões de euros em reforços. Este ano vai gastar tanto como no ano anterior?

—Foi uma revolução necessária, uma injeção clara de talen-

to e uma aposta que o FC Porto precisava de ter. O nosso primeiro desafio, como vocês bem sabem, foi a realidade económica, época 24/25, que nos permitiu um encaixe financeiro também considerável, mas que nos obrigava de novo a refazer a equipa para a época de 25/26 e reinvestir no talento da equipa. Portanto, foi um mercado histórico, sem paralelo na história do clube, mas absolutamente necessário para quem queria ser candidato ao título. Acho que se tivéssemos chegado ao fim da época 25/26 e o FC Porto não tivesse sido campeão nacional, é porque não tinha feito bem o seu trabalho ao nível de renovação e investimento no plantel. Portanto, uma revolução profunda, mas absolutamente necessária, que nos dá agora bases para atacar o mercado de outra forma. É importante ter consciência de que a realidade económica do FC Porto não está totalmente re-

solvida. Claro que a sua dívida foi prolongada a longo prazo, digamos assim, mas temos responsabilidades financeiras. Temos sempre uma responsabilidade financeira enorme da qual não podemos escapar. Neste momento, trabalhamos a partir de outra base, uma base que não tínhamos no ano passado. Uma base boa, em que queremos manter os melhores talentos na equipa principal e reforçá-la em pontos estratégicos identificados pelo treinador. Não irá ser um mercado de 100 milhões, claro está, porque estas bases nos permitem olhar para o mercado de uma forma diferente e também muito mais ponderada.

E nessa perspetiva consegue garantir também a permanência desses principais jogadores ou está sempre sujeito aos interesses do mercado?

—Sim, sempre sujeito aos interesses do mercado, que neste momento se comporta de

uma forma muito específica, também pelo acontecimento do Mundial. O FC Porto, para ser competitivo, tem de tentar manter a sua base. É claro que os clubes portugueses têm necessidade imediata de

“

“O mercado de junho e julho, é o mais caro, a maior parte dos clubes pede quantias mais avultadas”

“Nesta fase não temos nada em concreto pelos nossos jogadores, o que nos dá uma base boa e proteção”

tesouraria e de caixa, porque têm de fazer face aos seus compromissos e ter fluxos de caixa suficientes que façam face a esses compromissos, desde logo os salários e pagamentos a clubes, pagamentos também de transferências anteriormente feitas. E é por isso que somos sempre obrigados a mexer o mercado. Nesta fase não temos nada em concreto pelos nossos jogadores, o que nos dá uma base boa e proteção, mas temos de ter consciência de que é preciso criar esses fluxos de caixa para nos mantermos sustentáveis durante a época, do ponto de vista das nossas obrigações.

Há algum alvo preferencial que o FC Porto tenha identificado em termos de contratações?

—Sim, muitos alvos, muitos deles referenciados. Acho que sobretudo o mercado desta fase, o mercado de junho e julho, é o mercado mais caro e é onde a maior parte dos clubes se

protege relativamente aos seus ativos e pede quantias mais avultadas. Este é um mercado que normalmente se promove mais tarde. Por conta das entradas de novos treinadores, por conta dos inícios das pré-épocas, por conta também dos inícios das escolhas desses próprios treinadores, por conta das necessidades de fluxos de caixa de outros clubes. Portanto, diria que é um mercado que se agitará em agosto, nas semanas finais de agosto, onde os clubes têm necessidades imediatas mais prementes e então ativam-se no mercado de outra forma. Isto às vezes é limitativo dos ideais de um treinador que normalmente quer começar uma pré-época com um plantel totalmente disponível e já totalmente feito. No entanto, também não podemos deixar de pensar na forma como atuamos no início desta época, 25/26, e ter em consideração que alguns jogadores do FC



“Lewandowski? Sempre esteve fora. É sempre bom sonhar com grandes chegadas. O que não podemos ter é delírios”

“Foi um mercado histórico, sem paralelo na história do clube, mas absolutamente necessário para quem queria ser candidato ao título”

“Não irá ser um mercado de 100 milhões, claro está, porque estas bases nos permitem olhar para o mercado de uma forma diferente e também muito mais ponderada”

Porto também chegaram mais tarde, desde logo o Kivior, que chegou no último dia da janela de transferências.

Olhando para esse equilíbrio do plantel, há setores da equipa que o preocupam mais? A defesa, o meio-campo, o ataque?...

—O que marcou a época foi a lesão dos seus dois pontas-de-lança mais distintivos. Um representa a maior transferência de sempre feita por um clube português, que é o Samu; e no outro caso, o de Luuk de Jong, a transferência surpresa dos Países Baixos para o campeonato português de um jogador referência do futebol europeu. Portanto, essas lesões limitaram o FC Porto, obrigaram-nos a ir ao mercado em antecipação com a chegada do Terem Moffi. Neste momento, temos projetado o Samu para estar em pleno das suas capacidades físicas e desportivas para inícios/meados de novembro. Há uma série de

responsabilidades de calendário nacional e calendário europeu para os quais o FC Porto, neste momento, tem apenas duas opções, o André Silva e o Denizş Gul.

É aí que aparece o Lewandowski...

—É aí que aparece o Lewandowski fabricado pelos sonhos dos adeptos...

E não entrou aí também o sonho do presidente?

—Partir do pressuposto de que, por termos três polacos, isso seria suficiente para convencer um dos melhores jogadores do Mundo e um dos jogadores mais caros, em termos salariais, e que, tanto quanto sei, está hoje [sexta-feira] mesmo a assinar pelo Chicago Fire...

Está fora, portanto...

—Sim, sempre esteve fora. É sempre bom sonhar com grandes chegadas. O que não podemos ter é delírios que impeçam a sustentabilidade financeira do clube.

“O Diogo Costa é o futuro deste clube, quero muito vê-lo entrar em campo com a camisola 2, mas é um dos melhores ativos do FC Porto, tem as suas próprias ambições”

“Há uma necessidade de fazermos tesouraria, de fazermos transferências para termos dinheiro e operarmos com as nossas responsabilidades”

DEFINIÇÃO Um líder técnico e humano que foi capaz de ser fiel à identidade do clube

“Farioli é grande e forte gestor de homens”

Presidente considera que o treinador italiano soube encarnar a adaptação ao ADN do FC Porto, criando uma equipa que percebeu a realidade do clube e respondeu com exigência.

●●● Farioli, enquanto treinador vencedor, conseguiu potenciar vários jogadores. Que papel é que tem hoje o treinador no êxito da equipa e que perspectiva é que tem para a próxima temporada, com a fasquia tão alta?

—Fora a parte que está relacionada com tudo o que é o seu âmbito técnico e específico e a liderança, a motivação dos jogadores e o trabalho diário, está o homem que se relacionou com a estrutura do FC Porto como ninguém. Desde logo com o Tiago Madureira, com o Henrique Monteiro, com o scouting, com as diferentes estruturas de apoio, com a performance, com a área médica, com a nutrição. Um grande e forte gestor de homens e de recursos humanos e, evidentemente,



de jogadores, que nesta época também se transcenderam e que assimilaram as ideias do treinador como ninguém. Que os ouberam respeitar e que sou-



“O líder certo da família é um conceito que ele próprio criou. É que sem dúvida defendeu”

beram implementar em campo as suas ideias, traduzindo-se num FC Porto atrativo e pressionante, que defende e honra os seus pergaminhos do clube.

É o líder certo da “família portista”, como ele próprio a classificou?

—Sim, sem dúvida. O líder certo da família é um conceito que ele próprio criou, que abraçou. E que sem dúvida defendeu durante a época. E isto também é muito Porto. É a capacidade que estes jogadores e treinador tiveram para perceber que aqui é a nossa realidade e adaptar-se a ela.

“Encantados da vida em ter Diogo Costa de braçadeira”

Entre ambição desportiva e necessidade económica, dragões tentarão segurar os melhores

●●● Preocupa-o perder o Diogo Costa?

—O Diogo Costa é o futuro deste clube, quero muito vê-lo entrar em campo com a camisola 2 para o ano, mas é um dos melhores ativos do FC Porto, tem as suas próprias ambições. Tem uma carreira única e sem paralelo no FC Porto. Quer vencer aqui e quer continuar a vencer. Portanto, nós estamos encantados da vida em tê-lo aqui de braçadeira no braço e com o núme-

ro 2 nas costas.

E vai estar no Dragão na próxima época?

—Não sei se vai cá estar porque é uma decisão tripartida entre proposta de um clube, o FC Porto aceitar a cláusula de rescisão ou não, e depois o atleta chegar a acordo com determinado clube. Portanto, não posso dizer que o Diogo não é dos atletas mais assediados que nós temos.

Quem ficou, e já tinha sido anteriormente chamado aos trabalhos da Seleção A, foi o Rodrigo Mora, também ele um jogador muito assediado. Acha que vai ser possível ele continuar no FC Porto?

—O nosso objetivo é manter

a base, mas não desligando da sustentabilidade económica e financeira. Portanto, há claramente uma necessidade de fazermos tesouraria, de fazermos transferências para termos dinheiro e operarmos com as nossas responsabilidades. O objetivo é manter a base e mexermos o mínimo possível. Nessa base estão os melhores jogadores do FC Porto, os seus melhores ativos. No nosso pensamento tem de estar pagar salários aos jogadores, pagar salários aos funcionários, cumprir com as nossas responsabilidades e cumprir com um mercado de transferências de 100 milhões de euros do ano passado.

ID: 123628504

21-06-2026

“Não há agentes preferenciais, deixou de haver”

O fenómeno dos fundos a controlar agências de transferências alterou o mercado

●●● Qual é a política atual do FC Porto perante os agentes?

—O FC Porto trabalha com todos. Isso é outro dos grandes fenómenos em mutação no futebol atualmente. Porque os jogadores passam a transitar entre agências. Ou seja, a relação de compromisso, de amor, daquele que primeiro te identificou e que te vai levar até ao fim da tua carreira, deixou de existir. Os jogadores são assediados por outros agentes com compensações, para virem para as suas agências, porque também esses fazem o seu próprio “scout” relativamente ao potencial talento e ao que eles podem render futuramente. Houve um corte de uma relação umbilical com aquele agente que descobriu o talento e ficou até ao fim da carreira. Os jogadores agora são assediados por outros agentes e vemos por isso muitos câmbios. Esse é o primeiro fenómeno. O segundo, é que os fundos começaram a comprar as agências de jogadores. Portanto, há basicamente um, dois, três fundos que dominam praticamente 20 agências de futebolistas. E esse é o novo veículo pelo qual podemos ver ainda mudanças mais dinâmicas e específicas entre clubes, pelos interesses de determinados fundos em colocar determinados jogadores

res em determinados clubes. Portanto, tudo novas problemáticas e novos fenómenos. Nesta altura não há agentes preferenciais? —Não, deixou de haver. É o representante do atleta, basicamente.

Relativamente à formação, o FC Porto conseguiu o pleno de títulos andando com a casa às costas, como o próprio André reconheceu. Na melhor das hipóteses, quando é que teremos o centro de alto rendimento em Gaia concluído?

—É processo longo e difícil, sobretudo pela falta de capacidade económica do FC Porto de autossustentar o projeto. O nosso desafio é escolher o veículo financeiro para construir o centro de treino. O FC Porto fez duas coisas. Uma, pagou com o seu próprio capital a compra do terreno, detendo a propriedade do Centro de Alto Rendimento. Pagou também do seu bolso a movimentação de terras, que tem nove meses pela frente, fruto da inclinação que está associada ao terreno. Construir um centro de treinos daquela dimensão terá um custo a situar-se entre os 40 a 50 milhões de euros, fruto também do aumento dos custos.

Dificilmente vê como concluído no final deste seu mandato?

—Dificilmente. Estamos em campo para escolher esse veículo financeiro para avançar para a sua construção. Mas, é uma problemática grande para nós.



Villas-Boas sublinha que a aposta em jovens estrangeiros, como Granaas, não contraria a confiança na formação, antes reforça a visão de um FC Porto que compra cedo para evitar preços inflacionados.

●●● O FC Porto mudou um bocadinho a estratégia para blindar os jogadores em função daquilo que aconteceu com o Cardoso Varela?

—No caso do Cardoso Varela, o FC Porto fez o barulho necessário para que um caso como esse não volte a acontecer. O Cardoso Varela não está sentado aqui ao meu lado, mas estou seguramente convicto que provavelmente diria que cometeu um erro. Não por si, mas pela ganância de outros que o levaram a sair do FC Porto. A ganância de outros, provavelmente vendida à sua família, uma família pobre, de grandes dificuldades económicas, que provavelmente se deixou ir por palavras e por um ou outro sonho. Não quero dizer que essas mudanças às vezes não funcionem. Na realidade do Cardoso Varela é que não funcionou, o jogador está perdido na Croácia, no Dinamo de Zagreb B, à espera de

um melhor futuro e com certeza lamenta que tenha dado este passo, principalmente quando o FC Porto defendeu de forma muito clara o seu futuro, quando o Vitor Bruno lhe disse que seria englobado na pré-época da equipa principal, tal como o Rodrigo Mora. Custa ver que um talento como ele se tenha perdido. Depois há outra parte que está relacionada com o assédio a jovens, que é uma competição. Isto está relacionado com o crescimento exponencial dos clubes da Premier League, que neste momento têm redes de scouting absolutamente infalíveis. Mas não só as redes de scouting, como também a análise de dados, as ferramentas de dados, as ferramentas de filtros desses dados, que lhes permite chegar ao talento muito mais rápido do que os clubes portugueses, que normalmente eram utilizados como pontes para chegarem a esses clubes, e que nos obrigam também a defender os nossos próprios ativos com melhores condições, melhores ofertas, melhor venda do que é um projeto formativo futuro.

Mas o contrário também acontece. O FC Porto contratou agora um

prodígio de 16 anos da Noruega.

—Mas com acordo total de clube. O FC Porto pagou caro por um miúdo de 16 anos, pelo potencial de jogador futuro, que vem para uma escola melhor, que nós acreditamos que



“O FC Porto sempre se afirmou, não só na formação, mas também, no seu scouting”

“O FC Porto distinguiu-se por conseguir atrair o melhor talento do mundo, desde logo James, Falcao, Hulk...”

e esta, quando a competição é maior, para se desenvolver, mas que nunca foi feita à revelia do Fredrikstad FK, neste caso. Portanto, o FC Porto não deixa de pagar cerca de 1,8 milhões por um diamante por la-

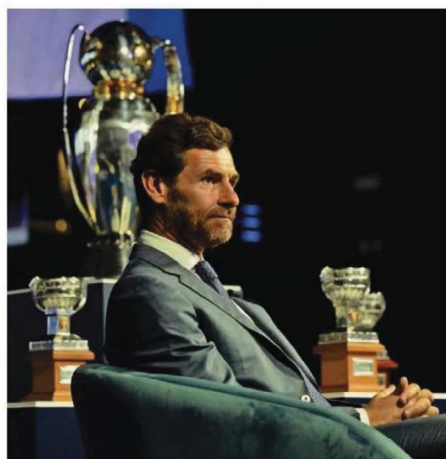
pidar, basicamente.

E esse trabalho em dupla via, vamos chamar-lhe assim, tem de continuar a ser feito?

—Sim, no fundo é uma lógica muito simples...

... mas não há o risco de ser mal-entendido pelos sócios? Vamos apostar na formação, mas depois vamos contratar fora um miúdo de 16 anos?

—O FC Porto sempre se afirmou, não só na formação, mas também e sobretudo, no seu scouting ao longo dos anos. Foi capaz de convencer os melhores jogadores do mundo, que depois se afirmaram mais tarde, a passarem pela escola FC Porto. O FC Porto distinguiu-se por conseguir atrair o melhor talento do mundo, como James Rodriguez, Falcao, Hulk. Juntando depois a isso a escola formativa do clube, como jogadores como Ricardo Carvalho, Vitorino, Rúben Neves e Diogo Costa, entre outros. Na linha de scouting, o FC Porto tem que se antecipar cada vez mais aos outros e ir buscar aos 16 e aos 17 anos, enquanto eles custam mais ou menos entre os 2 e os 10 milhões de euros. Porque a partir daí custam entre os 10 e os 20, os 20 e os 30, e os 30 e os 40.





“Pedimos aos sócios alguma tolerância”

●●● O FC Porto não tem equipas de modalidades femininas no andebol, basquetebol e hóquei em patins, ao contrário dos rivais. É possível vir a ter até ao final do seu mandato?

—No feminino, é difícil. Temos a nossa sustentabilidade económica controlada, mas urgente na mesma, principalmente relativamente a fluxos de caixa. Ter mais equipas femininas implica custos maiores, que têm de ser controlados. Do meu programa eleitoral, falta-me cumprir uma promessa: a confirmação da criação da Fundação FC Porto, que aguardamos que juridicamente esteja totalmente resolvida. Com a Fundação vem o atletismo amador e o regresso ao atletismo em várias vertentes, mas também o regresso do voleibol masculino, que até à data penso que é uma das modalidades mais vencedoras da história do clube. O futsal é o próximo passo. Está lançado na terceira divisão, com potencial para crescer. Agora, pedimos aos sócios alguma tole-

rância, porque o nível a que estão os nossos rivais é altíssimo, desde logo, participam nas competições europeias, pelo que há um “gap” e uma margem enorme até chegarmos ao topo e podermos ambicionar conquistar o título na primeira divisão. É para ser gradual e um projeto formativo. O lançamento de mais modalidades femininas é outro desafio que tem de estar relacionado intimamente com o lançamento do pavilhão em Ramalho Ortigão.

Em que ponto está esse processo?

—Há um direito de superfície que foi dado ao FC Porto nos próximos 75 anos para lançar um novo pavilhão. Para pensarmos em modalidades femininas, temos de ter uma nova casa. A nova casa tem um sítio, que é esse, mas é preciso arranjar os meios de financiamento para o construir e depois, a longo prazo, potencialmente, esperemos, no segundo mandato, lançar esse desafio de crescer na diversidade, que é uma obrigação e uma responsabilidade social do FC Porto.

VAR Aponta falhas estruturais na arbitragem nacional, critica a inconsistência de critérios e defende reforma profunda do videoárbitro

“Esta época do CA foi um falhanço evidente”

Presidente do FC Porto deixa críticas e apela a mudanças no VAR, como a uniformização de câmaras, mais qualidade tecnológica e centralização dos custos para garantir verdade desportiva.

●●● Acha que estão a ser dados os passos corretos na melhoria da tecnologia do VAR ou poderia ter sido feito muito mais?

—É necessário mudar o licenciamento e as exigências que tem. Essa é uma preocupação que existe, também muito por via do que aconteceu com o FC Porto B na época passada. A uniformização da tecnologia VAR em todos os estádios portugueses é premente, esse é o primeiro passo. Mas antes de passarmos ao passo tecnológico, é precisa uma uniformização da tecnologia VAR em todos os estádios. As mesmas câmaras, a mesma qualidade, o mesmo número de câmaras. E depois a melhoria da tecnologia e das ferramentas. Portanto, desde logo, linha de golo e foras de jogo que sejam semiautomáticos. Essas alterações tecnológicas devem estar vinculadas também à centralização, numa parceria que poderia ser feita com a Federação Portuguesa de Futebol e com a Liga Portugal, para, de certa forma, suportar os custos iniciais desse tipo de investimentos, que é uma das grandes problemáticas que os clubes levantam relativamente à uniformização do sistema da tecnologia. Ultrapassadas essas problemáticas, o produto do futebol português também melhora, há menos casos nos nossos jogos, melhores decisões de arbitragem. A tecnologia ao serviço da verdade desportiva. E não ter casos, como tivemos o ano passado, no FC Porto B, em que um fora de jogo evidente não foi decidido por conta da exposição à luz solar e ao posicionamento da câmara e das colunas dos estádios. É algo patético que temos de combater. Nós fizemos muito barulho o ano passado, agora temos a Federação finalmente connosco, porque, em sede da



português?

—A uniformização de critérios de decisão é uma das grandes problemáticas do futebol europeu ou mundial, digamos assim. Há uma tentativa imediata de uniformizar critérios, esse é o ponto que considero fundamental. O que é que aconteceu este ano desde a tomada de posse do Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Pedro Proença? Aconteceu uma liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem que não funcionou, mais uma exposição pública e mediática dos árbitros, com diferentes identificações do critério em situações que, no nosso entender, parecem similares e que acabaram por confundir também os próprios árbitros e levaram a uma deterioração evidente da qualidade de arbitragem e dos critérios em determinados lances. Todos lutamos para uma uniformização clara dos critérios de arbitragem: o que é um penalti, o que é uma mão, e o que é uma falta, uma falta para amarelo, o que é uma falta para cartão vermelho. No fundo, as grandes decisões do jogo. O presidente da Federação de Portuguesa de Futebol pede tempo para o seu Conselho de Arbitragem funcionar na plenitude. Esta primeira época foi um falhanço evidente. Houve, da parte dos próprios, um recuar relativamente à posição dos árbitros que eu acho que foi positivo. Vamos ver na próxima época que tipo de posicionamento vai ter esta liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem relativamente ao que aconteceu nesta época. Não foi positiva, foi difícil. Agora, também me parece evidente que determinados grupos de Comunicação Social vivem mediaticamente das más decisões de arbitragem para criar programas e conteúdos que atraem pessoas. Não estou a dizer que é o vosso [grupo], mas há também da parte da Comunicação Social um empolamento destas decisões, porque causam, evidentemente, controvérsia, causam caos, trazem atenção e chamam atenção. E trazem, no fundo, receitas.

Liga Portugal, o presidente Pedro Proença foi muito receitor deste nosso movimento e agora quer passar para essa obrigatoriedade como promotor de uma melhoria. As câmaras utilizadas na Premier League para decidir foras de jogo



“Não ter casos, como o ano passado, em que um offside não foi decidido por conta da exposição à luz solar”

“Já vimos árbitros que passam de apitar um jogo na II Liga promovidos para um clássico”

são capazes de dar 60 frames por segundo. Já as câmaras portuguesas estão entre os cinco e os dez frames para tomar uma decisão sobre um fora de jogo. Portanto, é a diferença entre a bola estar colada ao pé ou estar ligeiramente afastada cinco centímetros. A partir daí, é muito mais difícil para quem opera a tecnologia VAR tomar decisões que sejam coerentes. Portanto, há uma parte que está relacionada com a tecnologia e há outra parte que está relacionada com a informação e a educação dos próprios árbitros, que tem a ver com o Conselho de Arbitragem, com o próprio desenvolvimento dos árbitros e a forma como são penalizados ou recompensados. Já vimos árbitros que passam de apitar um jogo na II Liga 2 promovidos para um clássico e não vimos uma regularidade que compense relativamente os melhores.

A qualidade dos árbitros é um problema no futebol

ID: 123628504

21-06-2026

PASSADO Considera que memória do ex-presidente continua a ser um elo unificador dos portistas

“Tenho honrado o passado de Pinto da Costa”

Líder portista defende a homenagem contínua ao eterno presidente como figura central da história do FC Porto, destacando a ligação emocional dos adeptos e o dever de honrar esse legado.

●●● A entrada do André Villas-Boas no FC Porto marca uma cisão com o passado. E essa relação com o passado continua a ter alguns focos de tensão, pensando aqui no enorme peso histórico de Pinto da Costa. Com estão as relações com a família do ex-presidente e as pontes que sempre foi procurando fazer?

—Sim, tentaram cortar pontes... A presença da família de Pinto da Costa é um motivo de aproximação ao nome Pinto da Costa e ao seu legado, um legado familiar, evidentemente. Claro que há uma coisa em que FC Porto não se mete, que são as disputas que têm a ver com essa família. O que nos une é Jorge Nuno Pinto da Costa e é Jorge Nuno Pinto da Costa que une todos os portistas. Portanto, tudo o que sucede relativamente à família são homenagens e sobretudo um

direito que os assiste de viver a glória que o seu pai atingiu no FC Porto. Agora, o clube tem de estar alheio a tudo o que são as problemáticas familiares. Nesse campo não nos metemos. Convidamos com simpatia a família sempre que há algum evento que achamos que seja importante, relacionado não só com a história de Jorge Nuno Pinto da Costa, mas também com a história do FC Porto, desde logo vencer títulos. Guarda algum tipo de mágoa por essa pacificação não ter sido completa? E acha, por outro lado, que o universo portista já está pacificado com essa memória e com esse legado de Jorge Nuno Pinto da Costa?

—Eu não tenho feito outra

“

“A minha maior responsabilidade é continuar a elevar e honrar o bom nome de Pinto da Costa”

coisa que seja honrar o passado de Jorge Nuno Pinto da Costa. É uma obrigação e uma responsabilidade enorme que eu tenho de ter. Tivemos uma afluência histórica ao seu memorial e essa afluência histórica é o cordão umbilical dos portistas com o presidente dos presidentes. Portanto, a minha maior responsabilidade é continuar a elevar e honrar o seu bom nome.

Para fecharmos este capítulo, consegue identificar a melhor memória que tem com Pinto da Costa?

—Voltar a 2010/2011, comigo a treinador principal, uma época histórica onde tudo correu tão bem que a nossa relação foi perfeita, mas há vários momentos onde me cruza com ele, desde logo enquanto Robsonzinho, o “estatístico” de Bobby Robson. Era assim que me tratava com carinho. Uma mais marcante terá sido a chamada que tive com ele, que confirmava a intenção de que eu fosse treinador do FC Porto. Acho que essa tem uma enorme profundidade porque é o sentido da honra da palavra, o sentido do expoente máximo representativo do FC Porto.

“Gostava de receber Sérgio Conceição num estádio cheio”

●●● O Sérgio Conceição deu-lhes parabéns depois deste título de futebol?

—Deu os parabéns ao FC Porto, como tinha de ser. Percebendo a vossa entrada no lado que nos relaciona com o Sérgio, quero lembrar que ele também construiu este museu onde nos encontramos. É dos treinadores mais vitoriosos de sempre da história do FC Porto, em número de títulos, e é alguém que está intimamente relacionado com o clube. Eu disse ao próprio que não queria que lhe acontecesse o que aconteceu comigo, que foi um distanciamento da instituição para com o treinador André Villas-Boas, provavelmente fruto das ambições

de destino de vida do André Villas-Boas, sócio do FC Porto. A verdade é que aconteceu muito por conta do FC Porto ter escolhido um seu anterior adjunto [Vitor Bruno] como futuro treinador principal na cabeça do treinador Sérgio Conceição essas coisas estão relacionadas no campo emocional com as lealdades e as traições, provavelmente o atraíram de uma forma que ele pensa que é desonesta, mas que é honesta em todos os sentidos. O FC Porto tinha de ser livre nas suas escolhas, era o que mais faltava se não fosse. No entanto, eu gostava muito de receber o Sérgio Conceição no centro do relvado.

É um convite?

—É um convite, que o próprio não irá aceitar. Recebê-lo num estádio cheio. Seguramente não aceitará comigo na presidência do FC Porto. De estádio cheio, adeptos de pé, a aplaudir um treinador histórico. Esse é o reconhecimento que ele merece. E acho que é algo que já distingui esta presidência relativamente ao José Mourinho e relativamente ao Vitor Pereira. Gostava muito que o Sérgio tivesse esse momento, tal como o Pepe. Se os próprios entendem que com esta presidência é impossível, é um problema que lhes corresponde e ao qual eu sou completamente alheio. O meu desejo é esse. Gostava que tivéssemos essa oportunidade.

“O presidente do FC Porto deve ser eleito de forma unânime”

O líder portista reforça a ideia de que a força do FC Porto está na união, admitindo que só se manterá em funções enquanto for amplamente consensual entre os sócios.

●●● Podemos deduzir que está em condições de nos dizer que se vai recandidatar? Está a dois anos de concluir o mandato, o tempo passa muito rápido...

—Sim, passa rápido. Um título está conquistado, em dois anos restam mais dois por disputar, sendo que o último apará, evidentemente, as eleições de abril, perante os estatutos do FC Porto. Acho que os sócios votarão pelo trabalho. Eu sempre disse que o presidente do FC Porto deve ser eleito de forma unânime. Penso que é isto que une também os portistas. O FC Porto é mais forte quando está unido. Por muito que eu goste de respeitar a democracia, penso que a história do FC Porto obriga que o seu presidente seja eleito de forma unânime, para haver união comum em torno de

objetivos a atingir, que é o sucesso do clube. Dito desta forma, enquanto o meu projeto FC Porto, seja ele qual for, for unânime, aqui estarei para liderá-lo. A partir do momento que eu perceber que deixo de ser unânime, nem sequer me recandidato, porque antes de ser presidente sou também sócio, sei perceber as dinâmicas que estão associadas à união do clube e jamais me poderia candidatar se visse que não tinha um projeto claramente vencedor.

Portanto, conta com uma vitória ainda mais esmagadora dentro de dois anos...

—Em primeiro lugar, espero conquistar o título 26/27 e, a partir daí, ser a base da construção de um FC Porto cada vez melhor.

Essas feridas do passado já foram todas lambidas?

Essa pacificação e conciliação já foram alcançadas?

—O FC Porto agarra-se a este passado, por isso é que fizemos também esta entrevista no museu, pela construção da sua história, pelo reconhecimento único do clube que somos e dos princípios e valores que nos marcam enquanto

adeptos. Eu fui marcado por esta geração, pela liderança de Pinto da Costa, que foi de 42 anos. Tenho 48 anos, portanto, alta e profundamente marcada por uma liderança única e vencedora. Estes novos sócios que agora chegam, que crescem a 20% ao ano, eu quero que eles sejam marcados da mesma forma que eu.

O que é que o FC Porto não tinha quando chegou à presidência, em 2024, e agora tem?

—Houve sobretudo uma mudança radical em termos de projeto, sustentabilidade económica, relacionamento com a massa associativa, na forma de comunicar com o verdadeiro dono do clube e se calhar uma visão mais projetada no tempo, fruto da juventude do seu atual presidente. Foi nisso que os sócios votaram, basicamente. Há uma nova forma de nos relacionarmos com os associados, mais viva, mais direta, frontal e honesta, que os honra. Ser sócio do FC Porto, ter um lugar anual, custa dinheiro, é muito caro. E é por isso que os sócios também têm de ser recompensados, na forma como se relacionam



com o seu clube de coração. Como é que se melhora isso? Necessidades, serviços, comunicação, benefícios e títulos.

Para si, ainda faz sentido o mantra "nós contra Lisboa?"

—Acho que não há outra forma de o ver enquanto se manter a disparidade de tratamento relativamente ao FC Porto, aos seus méritos, à forma como conquista, à forma como nos penalizam, como desgostam de nós, como desgostam dos nossos ativos. Acho que é uma cultura muito própria e nossa, mas que deve ser sustentada no tempo. O período de convulsão interna que o FC Porto viveu antes do André chegar à presidência teve também uma relação direta com as claques. Qual é o estado da arte em termos de relações institucionais entre a Direção do clube e as organizações de adeptos?

—Há uma relação muito estreita e direta com o grupo organizado de adeptos, após uma revisão profunda do protocolo. Protocolo esse que um

dia, como vocês bem sabem, eu queria ver lançado e aprovado em sede da Assembleia Geral. Penso que já não precisamos desse passo, porque a relação é cordial, é frontal. O que sobretudo deixou de acontecer com um dos grupos organizados de adeptos é que deixou de haver desvio de fun-

“[Nós contra Lisboa? Não há outra forma de o ver enquanto se mantiver a disparidade de tratamento”]

dos. Isto é claro e é factual. O FC Porto perdia cerca de dois milhões de euros por ano relativamente à bilhética que estava relacionada com um grupo organizado de adeptos, mais outras problemáticas que estavam relacionadas com algumas casas. Portanto, isso ficou resolvido a partir do momento em que o FC Porto

se transformou digitalmente e deixou de haver capacidade de haver ilícitos relacionados com a bilhética. A partir do momento em que isso deixou de acontecer, a relação passou a ser factual, frontal e honesta. Evidentemente, houve retaliação, mas houve uma retaliação desportiva relativamente à época 24/25, que se eu fosse adepto a teria feito também da mesma forma, não da forma violenta, mas de forma vocal e comunicativa relativamente a objetivos que tínhamos obrigatoriamente que atingir e não atingimos. Se calhar houve pouca tolerância para um ano de transição, absolutamente necessário, porque as fragilidades económicas que nós encontramos... Algumas são públicas, outras só nós sabemos. E foram muitas e duras. O FC Porto, que era um clube que tinha salários em atraso, não incumpriu uma única vez com nenhum dos atletas em nenhuma modalidade e nenhum dos seus funcionários em 2025/26. Isto é algo que nos orgulha enquanto gestores e é o patamar de excelência que queremos atingir para o futuro.

ARQUIVAMENTO Garante que o FC Porto não abdica de se defender de qualquer acusação

“O FC Porto irá com tudo contra o Sporting”

O presidente do FC Porto acusa o clube leonino de recorrer a discursos que ultrapassar limites, rejeitando o que considera uma narrativa de vitimização e de ataques ao FC Porto.

●●● Podemos qualificar as relações do FC Porto com o Benfica e o Sporting como institucionalmente toleráveis ou há uma diferença de tratamento e respeito entre Rui Costa e Frederico Varandas? E, tendo em conta o atual cenário, é de prever uma maior aproximação entre FC Porto e Benfica?

—A relação institucional com o Benfica é de grande elevação e respeito. Houve mais exageros da minha parte, enquanto presidente do FC Porto, no sentido de Rui Costa do que o contrário. Até já fiz recentemente um “mea culpa”. Tento retratar-me sempre que posso e faço-o novamente aqui. Há uma rivalidade histórica com o clube líder no número de campeonatos nacionais — não no número de títulos nacionais e internacionais de futebol, que esse é nosso —, mas que o FC Porto quer ultrapassar o mais rapidamente possível. Tudo o que é mágico e que envolve o FC Porto e o Benfica é algo que devemos dignificar nessa rivalidade histórica. Ora, isso não se passa com o Sporting, simplesmente porque a sua liderança neste momento entra por um patamar de injúria, calúnia e vitimização com o FC Porto que nós não podemos tolerar. E, apesar de haver alguma unificação do ponto de vista estratégico sobre o que o futebol português precisa, a realidade é que, fruto dessa vitimização permanente, das calúnias, das injúrias que semanalmente invocam contra FC Porto, não há relação possível, nem pode haver relação possível.

Que explicação encontra para isso? O FC Porto transformou-se num alvo útil à gestão interna do Sporting?



—Talvez sim, suportado por um grupo de Comunicação Social com maior afinidade clúbica com o Sporting e que tenta, basicamente, filtrar e opinar orientado por uma visão estratégica e uma voz popular para o Sporting. Tudo o que foi feito no Sporting pelo presidente Frederico Varandas foi a transformação de um clube recentemente vencedor, que se afirma e que foi construído para se tornar ven-

quívamento desse caso inventado pelo Sporting. E, a partir daí, o FC Porto irá com tudo contra o Sporting.

Essa blindagem institucional do FC Porto para com o Sporting vai manter-se durante o seu mandato? Não há margem para nenhum tipo de abertura e pacificação?

—Pela personalidade do próprio [Frederico Varandas] não vejo que haja qualquer possibilidade de relacionamento. São tipologias de personalidade com que eu não consigo dar-me nem respeitar. Aquela frase de Frederico Varandas após o jogo da primeira-mão das meias-finais da Taça de Portugal — “eles têm medo” —, foi utilizada no balneário portista?

—Bom, terá sido utilizada seguramente pelos jogadores e pelo treinador, não sei até que ponto. Há sempre estratégias de motivação que os líderes utilizam para fazer transcendere os seus atletas, acho que isso faz parte do desporto, a forma como arranjamos pontos motivacionais no jogo a jogo para trazermos a vitória. Portanto, isso é mais uma pergunta para o mister Farioli do que para mim. Eu sempre fui um líder muito mais emocional e muito mais irracional. Seguramente o André Villas-Boas treinador teria feito da mesma forma que eu. Ou se o fez da mesma forma.

“Pela personalidade [Frederico Varandas] não vejo que haja qualquer possibilidade de relacionamento”

cedor. Algo que não era, porque vivia sempre em instabilidade política ou desportiva muito evidente. Portanto, isso é um sucesso e um mérito do próprio. Agora não pode é viver na permanente vitimização, injúria e calúnia para com o FC Porto, a qual teve o seu expoente máximo no caso do pavilhão e do cheiro a amoníaco. O Sporting ultrapassou todos os limites do razoável. O FC Porto já deu todos os documentos bem sustentados ao Ministério Público e o mais provável é acontecer um ar-

ID: 123628504

21-06-2026

“Os 200 M€ são alcançáveis pelo futebol português”

Considera positiva a chave de repartição dos direitos televisivos alcançada em sede da Liga

●●● Qual é o seu grau de satisfação no que se refere à chave de repartição de receitas em matéria de direitos televisivos que foi aprovada na Assembleia Geral da Liga?

—Bom, para já é uma concessão dos grandes, relativamente a essa chave. E os grandes basicamente são o FC Porto e o Sporting, porque o Benfica esteve fora da mesma. Houve uma concessão, mas um risco também, porque se algum dia um destes três grandes cair na quarta posição pagará pelo fator performance desportiva que está relacionado com a chave da repartição. Estou satisfeito com o que foi acordado em sede da Assembleia Geral e previamente acordado em sede de direção da Liga Centrali-

uma série de novas problemáticas que urge resolver. Com a nova realidade dos streamings que temos visto no Mundial, acredita que o caminho é para aumentar esse valor ou está um bocadinho cético?

—Há que ser criativo na forma como se vendem os direitos. Isto é mais uma resposta para o André Mosqueira do Amaral [diretor-executivo da Liga], que tem estado muito ativo na venda do produto do futebol português. Eu acho que há novas maneiras de criarmos mais conteúdos, também dos próprios clubes meterem mais ativos dentro do processo de centralização. Por isso é que o FC Porto tinha de oferecer resistência a qualquer outra proposta, porque os três grandes, apesar de tudo, são o grande motor do futebol e nós não temos o comportamento regional que têm outros países, nem os clubes nacionais com todo o respeito, têm o poder que têm outros clubes noutros países e noutras geografias. Portanto, enquanto motor do futebol, os três grandes tinham que se defender também nesta chave de repartição

Satisfeito com Reinaldo Teixeira

O FC Porto está mais satisfeito com o presidente da Liga? E com a Liga em geral?

—Não fomos apoiantes desta candidatura, mas, publicamente, já felicitei o Reinaldo Teixeira pelo trabalho feito, principalmente no caso que está relacionado com a centralização de direitos audiovisuais, foi uma das suas grandes vitórias deste seu primeiro mandato que termina em 2027. Agora levantam-se outras problemáticas, digamos que a sua concentração esteve sobretudo nesse campo, agora falta a parte que está relacionada com a competição, com a organização de jogos, a parte que está relacionada com o fair play financeiro, que supinho e espero que sejam bandeiras da sua candidatura ao segundo mandato. Depois o FC Porto tomará as suas posições relativamente a este ou a outros candidatos.

“

“Já felicitei o Reinaldo Teixeira pelo trabalho feito no caso que está relacionado com a centralização”

zação. Agora falta ir a mercado para chegarmos ao número que pensamos que o futebol português vale.

Qual é esse número?

—Esse número situa-se entre os 200 e 250 milhões de euros. Era um número, digamos, perfeito ou perfeitamente alcançável para o futebol português. Evidentemente pode oscilar. Nós queremos que ele seja construtivo num primeiro ciclo para um segundo ciclo, tanto que vai em crescendo. Mas para isso é fundamental que o futebol português melhore na sua transversalidade relativamente a outras problemáticas, desde logo a qualidade das suas infraestruturas, a qualidade da tecnologia de VAR. Na fiscalidade também, porque permitirá aos clubes terem um pouco mais de fluxo de caixa para gerir relativamente a futuros investimentos. Portanto, há

“A entrada de capital no FC Porto está fora de

A HABITUAL CRÓNICA DE MIGUEL GUEDES AOS DOMINGOS SERÁ, EXCEPCIONALMENTE, PUBLICADA NA EDIÇÃO DE AMANHÃ DE O JOGO

●●● O FC Porto foi, nos últimos tempos, abordado por investidores estrangeiros?

—Não, formal e diretamente não. Se abrirmos um dia a porta a investimento estrangeiro, seja em que moldes for, será o princípio do fim do FC Porto enquanto clube de associados. O nosso objetivo é que, enquanto clube de associados, se mantenha e se prolongue no maior espaço de tempo da sua história. É assim que deve ser. As dificuldades económicas e financeiras são típicas de um clube português. E é por isso que há que reformatar todo o novo conceito de receitas para que sejam sustentáveis enquanto clube de associados. Eu acho

“

“Se abrirmos um dia a porta a investimento estrangeiro, seja em que moldes for, será o princípio do fim do FC Porto”

“O FC Porto é um clube de princípios e de valores e de uma exigência interna clara. Na sua génese estão os associados”

que sermos um clube de associados é uma vantagem competitiva neste momento no panorama do futebol europeu, porque não estamos sujeitos às extravagâncias de diferentes proprietários que vão dominando as diferentes sociedades que gerem os diferentes clubes, sejam socie-

des ou fundos. E da extravagância de um chinês se passa para um russo, de um russo para um americano, de um americano para um inglês. E nesta disrupção se vão destruindo culturas, valores e princípios. Portanto, a entrada de capital estrangeiro no FC Porto, e a presença de um acionista maioritário, está fora de questão. Isso seria o fim do associativismo. É o princípio do fim e é algo que devemos combater. Chegara esse ponto só num caso evidente de falência financeira. É um passo que nós temos de evitar em absoluto. Portanto, se isso acontecesse, e se aconte-

cesse comigo, seria uma falha grave minha enquanto presidente.

Não é uma perspectiva demasiado conservadora e até romântica, atendendo às dificuldades tradicionais dos clubes portugueses?



estrangeiro questão”

— Em primeiro lugar, regressando ao aspeto de vantagem competitiva: eu acho que ela é evidente. Nós não estamos sujeitos a estas disrupções. O FC Porto é um clube de princípios e de valores e de uma exigência interna clara. Na sua génese estão os associados. Portanto, usar isto para mim é uma vantagem competitiva dentro do panorama europeu, sendo que na parte financeira os clubes portugueses sofrem quando competem com os outros. Depois, as novas formas de receita, desde logo aquela que nós criamos com as Dragon Notes, permitem criar sustentabilidade aos clubes associados. Nós fomos os primeiros, os pioneiros, o Sporting seguiu-se agora com o seu próprio Lion Notes, ou o qualhe quiser chamar, e potencialmente o Benfica poderá lançar-se numa nova emissão de dívida relacionada com as receitas que o seu estádio gera para levantar capital, no fundo, reformatar-se e reformular-se economicamente. Portanto, há novas formas

de criar receita. Esgotadas essas, para onde é que caminhamos? E aqui entramos na discussão das dificuldades que os clubes europeus atualmente têm para competir com a Premier League, o animal que distingue o futebol europeu e que se tornou de tal forma poderoso que o FC Porto agora compete com clubes do Championship por jogadores, porque os da Premier League já estão noutra patamar. Portanto, como é que os clubes europeus se unem para criarem condições novas de receitas económicas que tornem viável competirem com a Premier League? Até que ponto e quando passaremos a ter competições intrafronteiriças que permitam os clubes europeus gerarem mais receitas? **Acredita que essa independência económica do FC Porto continua muito alicerçada no desempenho desportivo e na capitalização dos ativos, sobretudo os jogadores?** — Sim, e no mercado de transferências. Portanto, receitas europeias, direitos audiovisuais e entradas na Liga dos Campeões.

“Naming? O nome Dragão é unânime...”

André Villas-Boas reconhece que o naming do Estádio do Dragão é uma oportunidade, mas reforça que o nome Dragão é intocável e que qualquer solução terá de respeitar essa identidade do estádio.

●●● A questão do estádio, a questão do naming é recorrente. Pergunto-lhe se o naming do Dragão é negociável e quanto é que pode valer esse naming?

— Se recuarmos algumas décadas, quando havia a intenção de afirmação publicitária no plano nacional, havia determinadas empresas que patrocinavam os três clubes. Se partirmos de um pressuposto baixo, de que o naming de um estádio de um dos três grandes vale pelo menos três milhões de euros, qualquer empresa multinacional que se queira implementar no território nacional patrocinaria os três grandes clubes portugueses, o que implicaria imediatamente um investimento de nove milhões de euros em publicidade no território português. Portanto, isto simplesmente não é viável para as grandes companhias. Depois, companhias nacionais não se querem vincular especificamente a um clube, com medo de repensá-las no comportamento dos seus próprios clientes que sejam de outros clubes. Portanto, é um desafio, é precisa uma lógica muito coordenada e específica relativamente a

estes investidores que queiram este nível de exposição mediática. O FC Porto está à procura, tal como a Legends está à procura pelo FC Porto. **Esse valor que tem, os tais três milhões de euros, é uma referência do mercado?**

— É uma referência do mercado. Isto tudo depois depende da quantidade de ativos que se metem ou que se colocam num patrocínio de um naming do estádio, mais a relação com a própria base de dados, ou seja, os adeptos do FC Porto, que nós não queremos que seja invasiva ao ponto de tratarmos a nossa base de dados como clientes que têm de servir os interesses de outras companhias. Portanto, é tudo muito sensível. A verdade é que estamos no mercado. Acreditamos que a exposição mediática de um naming é forte. Reformula também o conceito dos estádios. Acho que o nome Dragão é unânime para todos, portanto, teria de ser mantido.

Ainda dentro do mesmo tema, mas saindo aqui um bocadinho da questão da monetização, preocupa-o esta perda de identidade no futebol, quer dentro de portas, quer em termos internacionais? Vemos agora, por exemplo, que está a decorrer o Mundial, pausas para hidratação em estádios com ar condicionado, onde a temperatura é perfeitamente aceitável... Esse excesso de mercanti-

lismo preocupa-o?

— São sinais preocupantes dos tempos, há sinais que requerem determinadas adaptações, nós também nos fomos adaptando. Estive presente na final da Copa América do ano passado, entre a Argentina e a Colômbia, e o intervalo foi de 30 minutos para um espetáculo da Shakira. Portanto, eu acho que as instituições internacio-

preocupantes são as multipropriedades, onde, em sede de Comité de Competições de Clubes da UEFA, mostramos cada vez mais resistência e preocupação perante o domínio das mesmas. Na realidade portuguesa, essas multipropriedades são um veículo apenas de investimento, portanto as nossas sociedades desportivas, que não aqueles clubes de futebol que são puramente ainda associativos, estão a mudar de dono com a mesma frequência, com grandes dificuldades económicas, incluídas em multipropriedades, onde servem os interesses do clube-mãe, do investidor e do proprietário, não os interesses dos seus associados e adeptos. É uma realidade transversal ao futebol europeu, cada vez mais premente, mas em relação à qual os clubes europeus estão preocupados e a tentar que não haja uma proliferação destes multiclubes europeus. Também me parece evidente que esta ideia de multiclube está a falir, porque, no início, foi pensada como um projeto de desenvolvimento em cadeia de jogadores, portanto, dos jogadores passarem de crescimento em crescimento, de clube em clube, e crescerem desportivamente. Portanto, também acho que essa ideia, esse ideal, está a falir. Mas há muitas ameaças às realidades da forma comonos, mais conservadores, pensamos o fenómeno do futebol. Agora, há sempre uma capacidade de adaptação do consumidor.

“Acho que o nome Dragão é unânime para todos, portanto, teria que ser mantido”

“Na final da Copa América do ano passado, o intervalo foram 30 minutos para um espetáculo da Shakira”

nais tentam reinventar também modelos económicos. São instituições sem fins lucrativos, mas que obrigam a determinadas posições, à exposição da quantidade de patrocinadores que têm, e também, às vezes, para oferecer um melhor produto aos adeptos, que alguns gostam, outros não. Novas realidades, acho que as mais

“O aumento da lotação não se justifica”

●●● O FC Porto tem vindo a aumentar o número de sócios. É viável poder aumentar a lotação do estádio ou do ponto de vista arquitetónico e até de engenharia esse aumento é impossível?

— A lotação do estádio do Dragão — que teve uma ocupação de 91% nesta temporada, algo que muito nos orgulhou e que foi um registo absolutamente histórico, tal como o crescimento de lugares anuais, número de sócios, ticketing e receitas — é algo que neste momento não está em equa-

ção porque, em primeiro lugar, há uma problemática vinculada à parte arquitetónica do estádio e, depois, porque 91% não são anos a fio de 100% de ocupação. É um bom primeiro teste, é um teste de desenvolvimento e de crescimento da massa associativa, de uma nova relação com o seu estádio e com a sua casa, mas penso que ainda não é para agora. Aumentar a lotação do Estádio do Dragão, em primeiro lugar, pode não ser viável, em segundo lugar acho que ainda não se justifica. E, em terceiro lugar, acho que primeiro é preciso melhorar

os serviços que o Estádio do Dragão presta aos sócios e adeptos. E é isso que estamos a fazer agora, precisamente com uma renovação revolucionária que permitirá oferecer melhores condições aos adeptos da FC Porto.

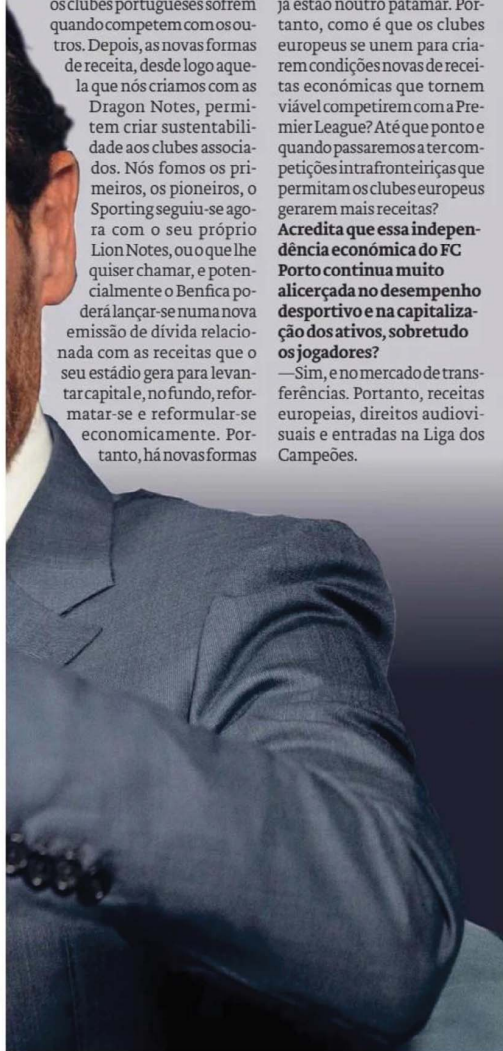
Para estar pronta já na próxima época desportiva?

— Sim, um projeto a várias fases, que começou o ano passado, no início da temporada passada, que tem uma segunda fase agora com a criação de um sem número infinito de produtos de hospitalidade, de restauração, de serviços e que

terminará no próximo ano com a parte que está relacionada com as acessibilidades do Estádio do Dragão. Portanto, melhores entradas e saídas, mais rápidas para as pessoas que vivem diariamente ou semanalmente o Estádio do Dragão.

E que novidades podemos dar sobre essas novas funcionalidades?

— Bom, sobretudo ao nível da restauração e serviços, que os adeptos do FC Porto podem esperar e receber ao nível de catering, de escolhas, de melhor experiência no estádio, basicamente.



PIRELLA GÖTTSCHE LOWE



O JOGO

ENTREVISTA
O JOGO/JN/TSF

ANDRÉ VILLAS-BOAS
passa em revista a época
que culminou com
a conquista do título
e aborda os desafios
que se seguem

P2-9

**“Somos nós contra
Lisboa enquanto
houver esta
disparidade
de tratamento”**

**“Entrada de capital
estrangeiro está
fora de questão”**

**“Temos de nos
antecipar e ir
buscar jogadores
de 16 e 17 anos”**

**“Não irá ser
um mercado
de 100 milhões”**

FC Porto Vintage nas duas finais

Equipas do universo azul e branco vão lutar pelos títulos europeus de +35 e +45 em Setúbal

RUI GUIMARÃES

●●● O FC Porto Vintage, equipas do universo FC Porto, estão nas finais de +35 e +45 anos do Europeu de Masters de Setúbal que hoje termina.

O FC Porto Vintage +35 ganhou aos dinamarqueses do FIF Kolding, por 18-7, com cinco golos de David Tavares e três de Filipe Mota e Mário Oliveira, tendo Sérgio Morgado (nove defesas) sido eleito o MVP, e apurou-se para a final. Vão jogar hoje, pelas 14h00, com os franceses do Rennes, que venceram os Veteranos Proin Sevilla, de Espanha, por 16-6. Esta é uma reedição da final do ano passado, ganha pelos gauleses aos então hexacampeões europeus – conjunto de títulos do Masters Porto com o FC Porto Vintage: Níce'2015, Gondomar'2017, Turim'2019, Granollers'2022, Tampere'2023 e Paredes'

2024, neste último já como Vintage.

Nos +45 o FC Porto venceu os Masters Andebol Slovaquia, por 11-10, com seis golos de Youriy Kostetsky e está na final, jogar com o espanhol Granada, que, por sua vez, venceu o Rennes, por 14-10.

“Nos +35 já é habitual chegarmos à final, já fomos campeões várias vezes, mas perdemos com esta equipa no ano passado por um golo. É uma equipa muito forte, com campeões da Europa e do Mundo, mas agora queremos voltar a recuperar o título. Claro que vai ser complicado, mas também temos as nossas armas para apresentar”, disse a OJOGO David Tavares, atleta nos +35, mas treinador nos +45. “Aí ganhamos com quem perdemos a final do ano passado, não é uma equipa que habitualmente jogue junta, estamos a fazê-lo mais agora, veremos o que acontece”.

Refira-se que Mário Santos, diretor-desportivo das modalidades do FC Porto, assistiu às duas partidas e ficará em Setúbal para os desafios de hoje.



ANTÓNIO OLIVEIRA



ANTÓNIO OLIVEIRA

FC Porto Vintage +35 e +45 estão nas finais

FC Porto Vintage + 35 é heptacampeão no Europeu de Masters de andebol

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Jogo Online (O)

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=21e464e3>

Depois da equipa de + 45 anos ter conquistado o primeiro título europeu de Masters, o FC Porto Vintage + 35 recuperou o estatuto no escalão mais importante e sagrou-se heptacampeão europeu na soma das conquistas entre Porto Masters e FC Porto Vintage - Nice"2015, Gondomar"2017, Turim"2019, Granollers"2022, Tampere"2023, Paredes, 2024 e, agora, Setúbal"2026

Uma vitória por 22-17 sobre os franceses do Rennes valeu a recuperação do título, perdido na temporada passada, em Sevilha, frente a este mesmo conjunto gaulês.

Em Setúbal, numa magnífica organização, o desafio começou a resolver-se no início da segunda parte, quando o FC Porto se escapou de 11-11 para 11-15, com, nesse período, duas defesas de Sérgio Morgado, e dois golos de Zé Pedro, um de David Tavares e outro de Mário Oliveira.

Eduardo Filipe aumentou para cinco bolas aos 14-19, Tiago Rocha fez o 15-20 e o campeão, o heptacampeão, estava encontrado. O título voltou a casa e a festa foi enorme.

Zé Pedro fez seis golos, o irmão Eduardo quatro e Jorge Ribeiro três.

"Este foi o melhor Europeu de Masters onde eu estive. Uma grande atmosfera, viveu-se o andebol como nunca, com dois pavilhões lado a lado. Pode jogar-se e a seguir escolher o jogo a ver. Foi fantástico", disse a O JOGO Sidsel Terkelsen, a lateral-esquerda de 39 anos da ScandiStars, equipa campeã da Europa de +33 anos.

"Jogo Master há quatro anos e nunca vivi nada assim. Ainda mais, sempre tudo muito bem organizado, tudo a horas, fanzone espetacular e numa cidade linda, com praia", disse ainda, terminando: "Obrigado"!

A Notícias Ilimitadas, media partner deste torneio, foi homenageada. Jorge Ribeiro, ponta-direita e empresário sócio fundador da empresa, recebeu uma lembrança.

Andebol: FC Porto Vintage sagra-se campeão europeu +45 anos

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Jogo Online (O)

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=80f573c3>

A festa do FC Porto Vintage

Youriy Kostetsky, de livre de sete metros, fez o golo do título para o FC Porto Vintage

A primeira final do FC Porto Vintage, equipa do universo dos azuis e brancos, está jogada e ganha. Consequentemente, o título europeu de masters do escalão +45 anos foi para os dragões, com o triunfo por 15-14, sobre os espanhóis do Granada.

Youriy Kostetsky, de livre de sete metros, fez o golo do título.

É a primeira vez que o FC Porto Vintage é campeão europeu de Masters no escalão +45 anos.

F. C. Porto Vintage em duas finais europeias

Adversários
da Dinamarca e
Eslováquia eliminados

ANDEBOL O F. C. Porto Vintage +35 ganhou aos dinamarqueses do FIF Kolping, por, 18-7, com cinco golos de David Tavares e três de Filipe Mota e Mário Oliveira, e apurou-se para a final do Europeu de Master, que decorre na cidade de Setúbal. Vão jogar hoje, com os franceses do Rennes, que venceram os Veteranos Proin Sevilla, de Espanha, por 16-6. Esta é uma reedição da final do ano passado, ganha pelos gauleses aos então hexacampeões europeus (soma de títulos do Masters Porto com o F. C. Porto Vintage).

Também nos +45, o F. C. Porto Vintage venceu os Masters Andebol Slovaquia, por 11-10, com seis golos de Yuriy Kostetsky e está na final a jogar com os espanhóis do Granada, que, por sua vez, venceu o Rennes, por 14-10. ● R.G.



Sérgio Morgado

~~~~~ ENTREVISTA JN/O JOGO/TSF ~~~~~

# “Quando deixar de ser unânime nem sequer me recandidato”

**André Villas-Boas** Presidente do F. C. Porto detalha revolução interna e fecha a porta do clube a capitais estrangeiros

**Nuno Vieira,**  
**Pedro Ivo Carvalho**  
**e Vítor Santos**  
desporto@jn.pt

Num ano desportivo coberto de azul, em particular no futebol, o líder dos dragões explica o que foi feito para endireitar as contas do clube, admite a necessidade de vender jogadores já neste mercado, fecha em definitivo a porta a um entendimento com Frederico Varandas e confessa que gostava de ver Sérgio Conceição a ser aplaudido de pé no centro do relvado do estádio. O rugido do dragão, esse, continua a fazer-se ouvir: “Não há outra forma: somos nós contra Lisboa”.

**O F. C. Porto tem vindo a aumentar o número de sócios. É viável poder aumentar a lotação do estádio ou do ponto de vista arquitetónico e até de engenharia esse aumento é impossível?**

A lotação do estádio – que teve uma ocupação de 91% nesta época, algo que muito nos orgulhou e que foi um registo histórico, tal como o crescimento de lugares anuais, número de sócios, ticketing e receitas – é algo que neste momento não está em equação porque, em primeiro lugar, há uma problemática vinculada à parte arquitetónica e, depois, porque 91% não são anos a fio de 100% de ocupação. É um bom primeiro teste, é um teste de desenvolvimento e de crescimento da massa associativa, de uma nova relação com o seu estádio e a sua casa, mas penso que ainda não é para agora.

**O F. C. Porto no ano passado fez o maior investimento da história, ao gastar cem milhões de euros em reforços. Este ano vai gastar tanto como no ano anterior?**

Foi uma revolução necessária, uma injeção clara de talento e uma aposta que o F. C. Porto precisava de ter. O nosso primeiro desafio, como vocês bem sabem, foi a realidade económica, época 2024-25, que nos permitiu um encaixe financeiro também considerável, mas que nos obrigava de novo a refazer a equipa para a época de 2025-26 e reinvestir no talento da equipa. É importante ter consciência de que a realidade económica do F. C. Porto não está totalmente resolvida. Claro que a sua dívida foi prolongada a longo prazo, digamos assim. Temos responsabilidades financeiras das quais não podemos escapar. Neste momento, trabalhamos a partir de uma base que não tínhamos no ano passado. Uma base boa, onde queremos manter os melhores talentos na equipa principal e reforçá-la em pontos estratégicos identificados pelo treinador. Não irá ser um mercado de cem milhões, claro está, porque estas bases nos permitem

olhar para o mercado de uma forma diferente e também muito mais ponderada.

**E nessa perspetiva consegue garantir também a permanência desses principais jogadores ou está sempre sujeito aos interesses do mercado?**

Sim, sempre sujeito aos interesses do mercado, que neste momento se comporta de uma forma muito específica, também pelo acontecimento do Mundial. O F. C. Porto, para ser competitivo, tem de tentar manter a sua base. É claro que os clubes portugueses têm necessidade imediata de tesouraria e de caixa, porque têm de fazer face aos seus compromissos e ter fluxos de caixa suficientes que façam face a esses compromissos, desde logo os salários e pagamentos a clubes, pagamentos também de transferências anteriormente feitas. E é por isso que somos sempre obrigados a mexer no mercado. Nesta fase, não temos nada em concreto pelos nossos jogadores, o que nos dá uma base boa e proteção, mas temos de ter consciência de que é preciso criar esses fluxos de caixa para nos mantermos sustentáveis durante a época, do ponto de vista das nossas obrigações.

**“Farioli é o líder certo da ‘família portista’. E isso também é muito Porto: a capacidade que jogadores e treinador tiveram para perceber a nossa realidade”**

**Olhando para esse equilíbrio do plantel, há setores da equipa que o preocupam mais, a defesa, o meio-campo, o ataque, o ataque é sempre aquela questão...**

O que marcou a época foi a lesão dos dois pontas de lança mais distintivos. Um representa a maior transferência de





sempre feita por um clube português, que é o Samu; e no outro caso, o de Luuk de Jong, uma das transferências surpresas dos Países Baixos para o campeonato português de um jogador referência do futebol europeu. Portanto, essas lesões obrigaram-nos a ir ao mercado em antecipação com a chegada do Moffi. Neste momento, nós temos projetado o Samu para estar em pleno das suas capacidades físicas e desportivas para meados de novembro. Há uma série de responsabilidades de calendário nacional e europeu para os quais o F. C. Porto, neste momento, tem apenas duas opções, que são o André Silva e o Deniz Gul.

#### É aí que aparece o Lewandowski.

É aí que aparece o Lewandowski fabricado pelos sonhos dos adeptos...

#### E não entrou aí também o sonho do presidente?

Partir do pressuposto de que, por termos três polacos, isso seria suficiente para convencer um dos melhores jogadores do Mundo e um dos jogadores mais caros, em termos salariais, do Mundo e que, tanto quanto sei, está hoje (sexta-feira) mesmo a assinar pelo Chicago Fire.

#### Está fora, portanto...

Sim, sempre esteve fora. É sempre bom sonhar com grandes chegadas. O que não podemos ter é delírios que impeçam a sustentabilidade financeira do clube.

#### Farioli, enquanto treinador vencedor, conseguiu potenciar vários jogadores. Que papel é que tem hoje o treinador no êxito da equipa e que perspectiva é que tem para a próxima temporada, com a fasquia tão alta?

Fora a parte que está relacionada com tudo o que é o seu âmbito técnico e específico e a liderança, a motivação dos jogadores e o trabalho diário, está o homem que se relacionou com a estrutura do F. C. Porto como ninguém. Desde logo com o

Tiago Madureira, com o Henrique Monteiro, com o scouting, com as diferentes estruturas de apoio, com a performance, com a área médica, com a nutrição. Um grande e forte gestor de homens e de recursos humanos e evidentemente de jogadores, que nesta época também se transcenderam e que assimilaram as ideias do treinador como ninguém.

#### O F. C. Porto não tem equipas de modalidades femininas, como andebol, basquetebol e hóquei em patins, ao contrário dos rivais. É possível vir a ter até ao final do seu mandato?

No feminino, é difícil. Porque nós temos a nossa sustentabilidade económica controlada, mas urgente na mesma, principalmente a fluxos de caixa. Ter mais equipas femininas implica também custos maiores, que têm de ser controlados. É uma ambição do F. C. Porto. Do meu programa eleitoral, falta-me cumprir a confirmação da criação da Fundação F. C. Porto, que aguardamos que juridicamente esteja resolvida. Com a Fundação vem o atletismo amador e em várias vertentes, mas também o regresso do voleibol masculino, que até à data penso que é uma das modalidades mais vencedoras da história do clube. O futsal é o próximo passo. Está lançado na terceira divisão, com potencial para crescer. Agora, pedimos aos sócios alguma tolerância, porque o nível a que estão os nossos rivais é altíssimo, desde logo porque participam nas competições europeias, pelo que há um gap e uma margem enorme até chegarmos ao topo, até podermos ambicionar a conquistar o título na primeira divisão.

#### O F. C. Porto foi, nos últimos tempos, abordado por investidores estrangeiros?

Não, formalmente e diretamente, não. Se abrímos um dia a porta a investimento estrangeiro, seja em que moldes for, será o princípio do fim do F. C. Porto enquanto clube de associados. O nosso objetivo é



**“Acho que não há outra forma (que não seja nós contra Lisboa) enquanto se mantiver a disparidade de tratamento relativamente ao F. C. Porto, aos seus méritos, à forma como conquistamos, à forma como nos penalizam, como desgostam de nós, como desgostam dos nossos ativos”**

que, enquanto clube de associados, se mantenha e se prolongue no maior espaço de tempo da sua história. Seremos um clube de associados é uma vantagem competitiva neste momento no panorama do futebol europeu, porque não estamos sujeitos às extravagâncias de diferentes proprietários que vão dominando as sociedades que gerem os clubes, sejam sociedades ou fundos. Portanto, a entrada de capital estrangeiro no futebol com o F. C. Porto, e a presença de um acionista maioritário, está fora de questão. Isso seria o fim do associativismo. É o princípio do fim e é algo que devemos combater. Chegar a esse ponto só num caso evidente de falência financeira. É um passo que nós temos de evitar em absoluto. Portanto, se isso acontecesse, e se acontecesse comigo, seria uma falha grave minha enquanto presidente.

#### Podemos deduzir que está em condições de nos dizer que se vai recandidatar? Está a dois anos de concluir o mandato, o tempo passa muito rápido...

Sim, passa rápido. Um título está conquistado, em dois anos restam mais dois por disputar, sendo que o último apanhará, evidentemente, as eleições de abril, perante os estatutos do F. C. Porto. Acho que os sócios votarão pelo trabalho. Eu sempre disse que o presidente do F. C. Porto deve ser eleito de forma unânime. Penso que é isto que une também os portistas. O F. C. Porto é mais forte quando está unido. Por muito que eu goste de respeitar a democracia, penso que a história do F. C.

Porto obriga que o seu presidente seja eleito de forma unânime, para que haja união comum em torno de objetivos a atingir, que é o sucesso do clube. Dito de outra forma, enquanto o meu projeto F. C. Porto, seja ele qual for, for unânime, aqui estarei para liderá-lo. A partir do momento que eu perceber que deixo de ser unânime, nem sequer me recandidato, porque antes de ser presidente sou também sócio, sei perceber as dinâmicas que estão associadas à união do clube e jamais me poderia candidatar se visse que não tinha um projeto claramente vencedor.

#### O que é que o F. C. Porto não tinha quando chegou à presidência e agora tem?

Houve sobretudo uma mudança radical em termos de projeto, sustentabilidade económica, relacionamento com a massa associativa, na forma de comunicar com o verdadeiro dono do clube e se calhar uma visão mais projetada no tempo, fruto da juventude do seu atual presidente. Foi nisso que os sócios votaram, basicamente. Há uma nova forma de nos relacionarmos com os associados, mais viva, mais direta, frontal e honesta, que os honra. Ser sócio do F. C. Porto, ter um lugar anual custa dinheiro, é muito caro. E é por isso que os sócios também têm de ser recompensados, na forma como se relacionam com o seu clube de coração. Como é que se melhora isso? Necessidades, serviços, comunicação, benefícios e títulos.

#### Para si, ainda faz sentido o mantra “nós contra Lisboa”?

Acho que não há outra forma de o ver enquanto se mantiver a disparidade de tratamento relativamente ao F. C. Porto, aos seus méritos, à forma como conquistamos, à forma como nos penalizam, como desgostam de nós, como desgostam dos nossos ativos. Acho que é uma cultura muito própria, nossa, que deve ser sustentada no tempo.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



VERBICO ONLINE

**“É altura de os jogadores da Seleção se refocarem, de pensar estratégias, se calhar de irem menos à praia e de irem mais à sala de reuniões”**

## “Não vejo possibilidade de relacionamento com Varandas”

CONTINUADO DA PÁGINA ANTERIOR

**Podemos qualificar as relações do F. C. Porto com o Benfica e o Sporting como institucionalmente toleráveis ou há uma diferença de tratamento e respeito entre Rui Costa e Frederico Varandas? E, tendo em conta o atual cenário, é de prever uma maior aproximação entre F. C. Porto e Benfica?**

A relação institucional com o Benfica é de grande elevação e respeito. Houve mais exageros da minha parte, enquanto presidente do F. C. Porto, no sentido de Rui Costa do que o contrário. Até já fiz recentemente um “mea culpa”. Tento retratar-me sempre que posso e faço-o novamente aqui. Há uma

rivalidade histórica com o clube líder no número de campeonatos nacionais – não no número de títulos nacionais e internacionais de futebol, que esse é nosso –, mas que o F. C. Porto quer ultrapassar o mais rapidamente possível. Tudo o que é mágico e que envolve o F. C. Porto e o Benfica é algo que devemos dignificar nessa rivalidade histórica. Ora, isso não se passa com o Sporting, simplesmente porque a sua liderança neste momento entra por um patamar de injúria, calúnia e vitimização com o F. C. Porto que nós não podemos tolerar. E, apesar de haver alguma unificação do ponto de vista estratégico sobre o que o futebol português precisa, a realidade é que, fruto dessa vitimização permanente, das calúnias e das injúrias

que semanalmente invocam contra F. C. Porto, não há relação possível, nem pode haver relação possível.

**Que explicação encontra para isso? O F. C. Porto transformou-se num alvo útil à gestão interna do Sporting?**

Talvez sim, suportado por um grupo de Comunicação Social com maior afinidade clubística com o Sporting e que tenta, basicamente, filtrar e opinar orientado por uma visão estratégica e uma voz popular para o Sporting. Tudo o que foi feito no Sporting pelo presidente Frederico Varandas foi a transformação de um clube recentemente vencedor, que se afirma e que foi construído para se tornar vencedor. Algo que não era, por-

que vivia sempre em instabilidade política ou desportiva. Portanto, isso é um sucesso e um mérito do próprio. Agora não pode é viver na permanente vitimização, injúria e calúnia para com o F. C. Porto, a qual teve o seu expoente máximo no caso do pavilhão e do cheiro a amoníaco. O Sporting ultrapassou todos os limites do razoável. O F. C. Porto já deu todos os documentos bem sustentados ao Ministério Público e o mais provável é acontecer um arquivamento desse caso inventado pelo Sporting. E, a partir daí, o F. C. Porto irá com tudo contra o Sporting.

**Não há margem para nenhum tipo de abertura e pacificação?**

Pela personalidade do próprio (Frederico Varandas) não vejo que haja qualquer possibilidade de relacionamento. São tipologias de personalidade com que eu não consigo dar-me nem respeitar.

**A qualidade dos árbitros é um problema no futebol português?**

A uniformização de critérios de decisão é uma das grandes problemáticas do futebol europeu ou mundial. Há uma tentativa imediata de uniformizar critérios, esse é o ponto fundamental. O que aconteceu este ano, desde a tomada de posse do presidente da Federação Portuguesa de Futebol,

Pedro Proença, foi uma liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem que não funcionou, mais uma exposição pública e mediática dos árbitros, com diferentes identificações do critério em situações que para nós nos parecem similares e que acabaram por confundir também os próprios árbitros e levaram a uma deterioração evidente da qualidade de arbitragem e dos critérios em determinados lances. Todos lutamos para uma uniformização clara dos critérios de arbitragem: o que é um penalti, o que é uma mão, e o que é uma falta, uma falta para amarelo, o que é uma falta para vermelho. No fundo, as grandes decisões. O presidente da FPF pede tempo para o seu Conselho de Arbitragem funcionar na plenitude. Esta primeira época foi um falhanço evidente. Houve da parte dos próprios um recuar relativamente à posição dos árbitros que eu acho que foi positivo. Vamos ver na próxima época que tipo de posicionamento vai ter esta liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem relativamente ao que aconteceu nesta época. Não foi positiva, foi difícil. Agora, também me parece evidente que determinados grupos de Comunicação Social vivem das más decisões de arbitragem para criar programas e conteúdos que atraem pessoas. Não estou a dizer que é o vosso (grupo), mas há da parte da Comunicação Social um empolamento destas decisões, porque causam, evidentemente, controvérsia, causam caos, trazem atenção e chamam a atenção. E trazem, no fundo, receitas.

**Que transformações foram feitas no âmbito do futebol de formação que conduziram a este sucesso, para muitos inesperado, em todos os escalões?**

Foram transformações profundas que queremos sustentar no tempo. É o mesmo que queremos fazer relativamente à equipa sénior: que o F. C. Porto não deixe mais este lugar, que é seu, que é o primeiro lugar, na formação também. Apesar de tudo, não é necessário ganhar títulos na formação para termos uma boa formação,

ID: 123628142

21-06-2026

**“Não sei se o Diogo Costa vai cá estar na próxima época. É uma decisão tripartida entre proposta, o F. C. Porto aceitar a cláusula e depois o atleta chegar a acordo com determinado clube”**

uma visão e um projeto identificativo do que é um jogador à Porto que quer chegar à equipa principal. Neste campo, encontramos estabilidade, desde que colocamos o José Tavares nesta posição, um homem que conhece profundamente a casa, onde já foi vencedor, e que gradualmente implementa de novo o seu projeto, a sua visão formativa. Desde 2010-11, em 39 títulos disponíveis, o F. C. Porto, na formação, só tinha ganho seis. O bingo do pleno é que estes miúdos cheguem, efetivamente, à equipa principal, pelo que esse projeto é muito mais a médio e longo prazo. A afirmação deste pleno que terminamos agora com os sub-15 só se conquistará dentro de quatro anos, quando, por exemplo, o Tiago Portugal chegar à equipa principal.

**Para fechar o capítulo da formação, o F. C. Porto conseguiu o pleno andando com a casa às costas. Na melhor das hipóteses, quando é que teremos o centro de alto rendimento em Gaia concluído?**

É processo longo e difícil, sobretudo pela falta de capacidade económica do F. C. Porto de autossustentar o projeto. O nosso desafio é escolher o veículo financeiro para construir o centro de treino. O F. C. Porto pagou com o seu próprio capital a compra do terreno, detendo a propriedade. E pagou também a movimentação de terras, que tem nove meses pela frente, fruto da inclinação que está associada ao terreno. Construir um centro de treinos daquela dimensão terá um custo entre os 40 e 50 milhões de euros. Mas dificilmente vejo como concluído no final deste mandato.

**O período de convulsão interna que o F. C. Porto viveu antes do André chegar à presidência teve também uma relação direta com as claques. Qual é o estado das relações institucionais entre a Direção do clube e as organizações de adeptos?**

Há uma relação muito estreita e direta com o grupo organizado de adeptos, após uma revisão profunda do protocolo. O que sobretudo

deixou de acontecer com um dos grupos organizados de adeptos é que deixou de haver desvio de fundos. Isto é claro e é factual. O F. C. Porto perdia cerca de dois milhões de euros por ano relativamente à bilhética que estava relacionada com um grupo organizado de adeptos, mais outras problemáticas que estavam relacionadas com algumas casas. Portanto, isso ficou resolvido a partir do momento em que o F. C. Porto se transformou digitalmente e deixou de existir capacidade de haver ilícitos relacionados com a bilhética. A partir do momento em que isso deixou de acontecer, a relação passou a ser factual, frontal e honesta.

**Certamente tem acompanhado o Campeonato do Mundo de futebol. Como é que viu esta entrada de Portugal? Completamente em falso?**

Sim e não. Em primeiro lugar, do ponto de vista desportivo, conta pouco. É possível inverter, é possível que Portugal ganhe na mesma o Campeonato do Mundo que alimenta os sonhos de todos os portugueses. A exibição foi fraca, não esteve à altura do que é uma geração de ouro absoluto do futebol português. Isso parece-me evidente, penaliza-nos e obriga-nos a uma semana de críticas absurdas e de dúvidas relativamente à qualidade de cada um daqueles jogadores. É altura de repensar, de se refocarem, de pensar estratégias, se calhar de irem menos à praia e de irem mais à sala de reuniões.

**Preocupa-o perder o Diogo Costa, guarda-redes da Seleção?**

O Diogo é o futuro deste clube, quero muito vê-lo entrar em campo com a camisola 2 para o ano, mas é um dos melhores ativos do F. C. Porto, tem as suas próprias ambições. Tem uma carreira única e sem paralelo no F. C. Porto. Quer vencer aqui e quer continuar a vencer. Mas não sei se vai cá estar na próxima época. É uma decisão tripartida entre proposta, o F. C. Porto aceitar a cláusula e depois o atleta chegar a acordo com determinado clube”.

## “Gostava que o Sérgio fosse aplaudido de pé por um estádio cheio”



**A sua entrada no F. C. Porto marca uma cisão com o passado. E essa relação com o passado continua a ter alguns focos de tensão, pensando aqui no enorme peso histórico de Pinto da Costa. Como é que estão as relações com a família do ex-presidente e as pontes que sempre foi procurando fazer, mas que nem sempre foram conseguidas?**

Sim, tentar encurtar pontes... A presença da família de Pinto da Costa é um motivo de aproximação ao nome Pinto da Costa e ao seu legado, um legado familiar, evidentemente. Claro que há uma coisa em que F. C. Porto não se mete, que são as disputas que têm a ver com essa família. O que nos une é Jorge Nuno Pinto da Costa e é Jorge Nuno Pinto da Costa que une todos os portistas. Portanto, tudo o que sucede relativamente à família são homenagens e sobretudo um direito que lhes assiste de viver a glória que o seu pai atingiu no F. C. Porto. Agora, o clube tem de estar alheio a tudo o que são as problemáticas familiares. Nesse campo, não nos metemos. Convidamos com simpatia a família, sempre que há algum evento que achamos que seja importante, relacionado não só com a história de Jorge Nuno Pinto da Costa, mas também

**“O clube tem de estar alheio a tudo o que são as problemáticas familiares (na família de Pinto da Costa). Nesse campo, não nos metemos”**

com a história do F. C. Porto, desde logo vencer títulos.

**Guarda algum tipo de mágoa por essa pacificação não ter sido completa? E acha, por outro lado, que o universo portista já está pacificado com essa memória e com esse legado de Jorge Nuno Pinto da Costa?**

Eu não tenho feito outra coisa que não seja honrar o passado de Jorge Nuno Pinto da Costa. Essa é uma obrigação e uma responsabilidade enorme que eu tenho de ter. Portanto, nós tivemos uma afluência histórica ao memorial de Jorge Nuno Pinto da Costa, que foi lançado este ano, um ano após o seu falecimento. E essa afluência histórica também é o cordão umbilical dos portistas com o presidente dos presidentes do F. C. Porto. Portanto, nesse campo, a minha maior responsabilidade é continuar a elevar e honrar o bom nome de Jorge Nuno Pinto da Costa.

**Sérgio Conceição deu-lhes parabéns depois deste título de futebol?**

Deu os parabéns ao F. C. Porto, como tinha de ser. Quero lembrar que o Sérgio também construiu este museu onde nos encontramos. É dos treinadores mais vitoriosos de sempre da história do F. C. Porto, em número de títulos, e é alguém que está intimamente relacionado com o clube. Eu disse ao próprio que não queria que lhe acontecesse o que aconteceu comigo, que foi um distanciamento da instituição para com o treinador André Villas-Boas. A verdade é que aconteceu muito por conta do F. C. Porto ter escolhido um seu anterior adjunto (Vitor Bruno) como futuro treinador principal e na cabeça do treinador Sérgio Conceição essas coisas que estão relacionadas no campo emocional com as lealdades e as traições, provavelmente o atraíram de uma forma que ele pensa que é desonesta, mas que é honesta em todos os sentidos. O F. C. Porto tinha de ser livre nas suas escolhas, era o que mais faltava se não fosse. No entanto, eu gostava muito de receber o Sérgio Conceição no centro do relvado.

**É um convite?**

É um convite, que o próprio não irá aceitar. Recebê-lo num estádio cheio. Seguramente não aceitará comigo na presidência do F. C. Porto. Estádio cheio, adeptos de pé, a aplaudir um treinador histórico. Esse é o reconhecimento que ele merece. E acho que é algo que já distinguiu esta presidência relativamente ao José Mourinho e relativamente ao Vitor Pereira. Gostava muito que o Sérgio tivesse esse momento, tal como o Pepe. Se os próprios entendem que com esta presidência é impossível, é um problema que lhes corresponde e ao qual eu sou completamente alheio. O meu desejo é esse. Gostava que tivéssemos essa oportunidade. ●

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA  
HOJE ÀS 11 HORAS NA TSF

# “Não há outra forma, somos nós contra Lisboa”

**Entrevista JN/O Jogo/TSF** André Villas-Boas denuncia a disparidade de tratamento face ao F. C. Porto, aos seus méritos e conquistas. Quer manter a base de jogadores, mas lembra que é preciso pagar transferências e salários e não sabe se Diogo Costa continua

Páginas 4 a 7



## F. C. Porto Vintage sagra-se campeão europeu +45 e +35 anos em andebol

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Jornal de Notícias Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=e2a62a47>

Depois da equipa de +45 anos ter conquistado o primeiro título europeu de Masters, o F. C. Porto Vintage +35 recuperou o estatuto no escalão mais importante e sagrou-se heptacampeão europeu na soma das conquistas entre Porto Masters e F. C. Porto Vintage - Nice'2015, Gondomar'2017, Turim'2019, Granollers'2022, Tampere'2023, Paredes, 2024 e, agora, Setúbal'2026.

Uma vitória por 22-17 sobre os franceses do Rennes valeu a recuperação do título, perdido na temporada passada, em Sevilha, frente a este mesmo conjunto gaulês. Em Setúbal, numa magnífica organização, o desafio começou a resolver-se no início da segunda parte, quando o F. C. Porto se escapou de 11-11 para 11-15, com, nesse período, duas defesas de Sérgio Morgado, e dois golos de Zé Pedro, um de David Tavares e outro de Mário Oliveira.

Eduardo Filipe aumentou para cinco bolas aos 14-19, Tiago Rocha fez o 15-20 e o campeão, o heptacampeão, estava encontrado. O título voltou a casa e a festa foi enorme.

Zé Pedro fez seis golos, o irmão Eduardo quatro e Jorge Ribeiro três.

Dragões com mais um triunfo

Foto: Direitos reservados

Rui Guimarães

## André Villas-Boas: "Quando deixar de ser unânime nem sequer me recandidato"

|            |                           |                  |                    |
|------------|---------------------------|------------------|--------------------|
| Tipo Meio: | Internet                  | Data Publicação: | 21/06/2026         |
| Meio:      | Jornal de Notícias Online | Autores:         | Pedro Ivo Carvalho |

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=41092948>

Num ano desportivo coberto de azul, em particular no futebol, o líder dos dragões, André Villas-Boas, explica o que foi feito para endireitar as contas do clube, admite a necessidade de vender jogadores já neste mercado, fecha em definitivo a porta a um entendimento com Frederico Varandas e confessa que gostava de ver Sérgio Conceição a ser aplaudido de pé no centro do relvado do estádio. O rugido do dragão, esse, continua a fazer-se ouvir: "Não há outra forma: somos nós contra Lisboa".

O F. C. Porto tem vindo a aumentar o número de sócios. É viável poder aumentar a lotação do estádio ou do ponto de vista arquitetónico e até de engenharia esse aumento é impossível?

A lotação do estádio - que teve uma ocupação de 91% nesta época, algo que muito nos orgulhou e que foi um registo absolutamente histórico, tal como o crescimento de lugares anuais, número de sócios, ticketing e receitas - é algo que neste momento não está em equação porque, em primeiro lugar, há uma problemática vinculada à parte arquitetónica e, depois, porque 91% não são anos a fio de 100% de ocupação. É um bom primeiro teste, é um teste de desenvolvimento e de crescimento da massa associativa, de uma nova relação com o seu estádio e com a sua casa, mas penso que ainda não é para agora. Aumentar a lotação do Estádio do Dragão, em primeiro lugar, pode não ser viável, em segundo lugar acho que ainda não se justifica. E, em terceiro lugar, acho que primeiro é preciso melhorar os serviços que o Estádio do Dragão presta aos sócios e adeptos. E é isso que estamos a fazer agora, precisamente com uma renovação revolucionária que permitirá oferecer melhores condições aos adeptos da Futebol Clube do Porto.

Para estar pronta já na próxima época desportiva?

Sim, um projeto a várias fases, que começou o ano passado, no início da temporada passada, que tem uma segunda fase agora com a criação de um sem número infinito de produtos de hospitalidade, de restauração, de serviços e que terminará no próximo ano com a parte que está relacionada com as acessibilidades do Estádio do Dragão. Portanto, melhores entradas e saídas, mais rápidas para as pessoas que vivem diariamente ou semanalmente o Estádio do Dragão.

E que novidades podemos dar sobre essas novas funcionalidades?

Bom, sobretudo ao nível da restauração e serviços, que os adeptos do Futebol Clube Porto podem esperar e receber ao nível de catering, de escolhas, de melhor experiência no estádio, basicamente.

O F. C. Porto no ano passado fez o maior investimento da história, ao gastar 100 milhões de euros em reforços. Este ano vai gastar tanto como no ano anterior?

Foi uma revolução necessária, uma injeção clara de talento e uma aposta que o F. C. Porto precisava de ter. O nosso primeiro desafio, como vocês bem sabem, foi a realidade económica, época 24-25, que nos permitiu um encaixe financeiro também considerável, mas que nos obrigava de novo a refazer a equipa para a época de 25-26 e reinvestir no talento da equipa. Portanto, foi um mercado histórico, sem paralelo na história do clube, mas absolutamente necessário para quem queria ser candidato ao título. Acho que se tivéssemos chegado ao fim da época 25-26 e o F. C. Porto não tivesse sido campeão nacional, é porque não tinha feito bem o seu trabalho ao nível de renovação e investimento no plantel. Portanto, uma revolução profunda, mas absolutamente necessária, que nos dá agora bases para atacar o mercado de outra forma. É importante ter consciência de que a realidade económica do

F. C. Porto não está totalmente resolvida. Claro que a sua dívida foi prolongada a longo prazo, digamos assim. Temos responsabilidades financeiras, sempre temos uma responsabilidade financeira enorme, da qual não podemos escapar. Neste momento, trabalhamos a partir de outra base, uma base que não tínhamos o ano passado. Uma base boa, onde queremos manter os melhores talentos na equipa principal e reforçá-la em pontos estratégicos identificados pelo treinador. Não irá ser um mercado de 100 milhões, claro está, porque estas bases nos permitem olhar para o mercado de uma forma diferente e também muito mais ponderada.

E nessa perspetiva consegue garantir também a permanência desses principais jogadores ou está sempre sujeito aos interesses do mercado?

Sim, sempre sujeito aos interesses do mercado, que neste momento se comporta de uma forma muito específica, também pelo acontecimento do Mundial. O F. C. Porto, para ser competitivo, tem que tentar manter a sua base. É claro que os clubes portugueses têm necessidade imediata de tesouraria e de caixa, porque têm que fazer face aos seus compromissos e ter fluxos de caixa suficientes que façam face a esses compromissos, desde logo os salários e pagamentos a clubes, pagamentos também de transferências anteriormente feitas. E é por isso que somos sempre obrigados a mexer o mercado. Nesta fase não temos nada em concreto pelos nossos jogadores, o que nos dá uma base boa e proteção, mas temos que ter consciência de que é preciso criar esses fluxos de caixa para nos mantermos sustentáveis durante a época, do ponto de vista das nossas obrigações.

Há algum alvo preferencial que o F. C. Porto tenha identificado em termos de contratações?

Sim, muitos alvos, muitos deles referenciados. Acho que sobretudo o mercado desta fase, o mercado de junho e julho, é o mercado mais caro e é onde a maior parte dos clubes se protege relativamente aos seus ativos e pede quantias mais avultadas. Este é um mercado que normalmente se promove mais tarde. Por conta das entradas de novos treinadores, por conta dos inícios das pré-épocas, por conta também dos inícios das escolhas desses próprios treinadores, por conta das necessidades de fluxos de caixa de outros clubes. Portanto, diria que é um mercado que se agitará em agosto, nas semanas finais de agosto, onde os clubes têm necessidades imediatas mais prementes e então ativam-se no mercado de outra forma. Isto às vezes é limitativo dos ideais de um treinador que normalmente quer começar uma pré- época com um plantel totalmente disponível e já totalmente feito. No entanto, nós também não podemos deixar de pensar na forma como atuamos no início desta época, 25-26, e ter em consideração que alguns jogadores do F. C. Porto também chegaram mais tarde, desde logo o Kivior, que chegou no último dia da transferências.

Olhando para esse equilíbrio do plantel, há setores da equipa que o preocupam mais, a defesa, o meio campo, o ataque, o ataque é sempre aquela questão.

O que marcou a época foi a lesão dos seus dois pontas de lança mais distintivos. Um representa a maior transferência de sempre feita por um clube português, que é o Samu; e no outro caso, o de Luuk de Jong, uma das transferências surpresas da Holanda para o campeonato português de um jogador referência do futebol europeu. Portanto, essas lesões limitaram o F. C. Porto, obrigaram-nos a ir ao mercado em antecipação com a chegada do Moffi. Neste momento, nós temos projetado o Samu para estar em pleno das suas capacidades físicas e desportivas para inícios, meados de novembro. Há uma série de responsabilidades de calendário nacional e calendário europeu para os quais o F. C. Porto, neste momento, tem apenas duas opções, que são o André Silva e o Denis Gul.

É aí que aparece o Lewandowski.

É aí que aparece o Lewandowski fabricado pelos sonhos dos adeptos...

E não entrou aí também o sonho do presidente?

Partir do pressuposto de que, por termos três polacos, isso seria suficiente para convencer um dos melhores jogadores do Mundo e um dos jogadores mais caros, em termos salariais, do Mundo e que, tanto quanto sei, está hoje (sexta-feira) mesmo a assinar pelo Chicago Fire.

Está fora, portanto...

Sim, sempre esteve fora. É sempre bom sonhar com grandes chegadas. O que não podemos ter é delírios que impeçam a sustentabilidade financeira do clube.

A entrada do André no F. C. Porto marca uma cisão com o passado. E essa relação com o passado continua a ter alguns focos de tensão, pensando aqui no enorme peso histórico de Pinto da Costa.

Pergunto-lhe como é que estão as relações com a família do ex-presidente e as pontes que sempre foi procurando fazer, mas que nem sempre foram conseguidas.

Sim, tentar encurtar pontes... A presença da família de Pinto da Costa é um motivo de aproximação ao nome Pinto da Costa e ao seu legado, um legado familiar, evidentemente. Claro que há uma coisa em que F. C. Porto não se mete, que são as disputas que têm a ver com essa família. O que nos une é Jorge Nuno Pinto da Costa e é Jorge Nuno Pinto da Costa que une todos os portistas. Portanto, tudo o que sucede relativamente à família são homenagens e sobretudo um direito que os assiste de viver a glória que o seu pai atingiu no F. C. Porto. Agora, o clube tem que estar alheio a tudo o que são as problemáticas familiares. Nesse campo não nos metemos. Convidamos com simpatia a família, sempre que há algum evento que achamos que seja importante, relacionado não só com a história de Jorge Nuno Pinto da Costa, mas também com a história do F. C. Porto, desde logo vencer títulos.

Guarda algum tipo de mágoa por essa pacificação não ter sido completa? E acha, por outro lado, que o universo portista já está pacificado com essa memória e com esse legado de Jorge Nuno Pinto da Costa?

Eu não tenho feito outra coisa que seja honrar o passado de Jorge Nuno Pinto da Costa. Essa é uma obrigação e uma responsabilidade enorme que eu tenho que ter. Portanto, nós tivemos uma afluência histórica ao memorial de Jorge Nuno Pinto da Costa, que foi lançado este ano, um ano após o seu falecimento. E essa afluência histórica também é o cordão umbilical dos portistas com o presidente dos presidentes do F. C. Porto. Portanto, nesse campo, a minha maior responsabilidade é continuar a elevar e honrar o bom nome de Jorge Nuno Pinto da Costa.

Para fecharmos este capítulo, consegue identificar a melhor memória que tem com Pinto da Costa?

Voltar a 2010-2011, comigo a treinador principal, foi uma época histórica onde tudo correu tão bem que a nossa relação foi perfeita, mas há vários momentos da minha história onde eu me cruzo com ele, desde logo enquanto Robsonzinho, o "estatístico" de Bobby Robson, como era apelidado.

Era assim que ele o tratava?

Era assim que me tratava com carinho. Portanto, isso são boas e eternas memórias. Uma mais marcante terá sido a primeira chamada que tive com ele, que basicamente confirmava a intenção de que eu fosse treinador do F. C. Porto para a época de 2010-2011. Acho que essa tem uma enorme profundidade porque é o sentido da honra da palavra, o sentido do expoente máximo representativo do F. C. Porto. Portanto, são estes momentos altamente emocionais que me vinculam ao presidente.

"Farioli é o líder certo da "famiglia portista". E isso também é muito Porto: a capacidade que jogadores e treinador tiveram para perceber a nossa realidade"

Farioli, enquanto treinador vencedor, conseguiu potenciar vários jogadores. Que papel é que tem hoje o treinador no êxito da equipa e que perspectiva é que tem para a próxima temporada, com a fasquia tão alta?

Fora a parte que está relacionada com tudo o que é o seu âmbito técnico e específico e a liderança, a motivação dos jogadores e o trabalho diário, está o homem que se relacionou com a estrutura do F. C. Porto como ninguém. Desde logo com o Tiago Madureira, com o Henrique Monteiro, com o scouting, com as diferentes estruturas de apoio, com a performance, com a área médica, com a nutrição. Um grande e forte gestor de homens e de recursos humanos e evidentemente de jogadores, que nesta época também se transcenderam e que assimilaram as ideias do treinador como ninguém. Que o souberam respeitar e que souberam implementar em campo as suas ideias, traduzindo-se num F. C. Porto atrativo e pressionante, que defende e honra os pergaminhos do clube.

É o líder certo da "famiglia portista", como ele próprio a classificou?

Sim, sem dúvida. O líder certo da família é um conceito que ele próprio criou, que abraçou. E que sem dúvida defendeu durante a época. E isto também é muito Porto. É a capacidade que estes jogadores e treinador tiveram para perceber que aqui é a nossa realidade e adaptar-se a ela.

O F. C. Porto não tem equipas de modalidades femininas como andebol, basquetebol e hóquei em patins, ao contrário dos rivais. É possível vir a ter até ao final do seu mandato?

No feminino, é difícil. Porque nós temos a nossa sustentabilidade económica controlada, mas urgente na mesma, principalmente relativamente a fluxos de caixa. Ter mais equipas femininas implica também custos maiores, que têm que ser controlados. É uma ambição do F.C. Porto. Do meu

programa eleitoral, falta-me cumprir uma promessa: a confirmação da criação da Fundação Futebol Clube do Porto, que aguardamos que juridicamente esteja totalmente resolvida. Com a Fundação vem o atletismo amador e o regresso ao atletismo em várias vertentes, mas também o regresso do voleibol masculino, que até à data penso que é uma das modalidades mais vencedoras da história do clube. O futsal é o próximo passo. Está lançado na terceira divisão, com potencial para crescer. Agora, pedimos aos sócios alguma tolerância, porque o nível a que estão os nossos rivais é altíssimo, desde logo porque participam nas competições europeias, pelo que há um gap e uma margem enorme até chegarmos ao topo, até podermos ambicionar a conquistar o título na primeira divisão. Portanto, isto é para ser gradual e é para ser também um projeto formativo. O lançamento de mais modalidades femininas é um outro desafio que tem que estar relacionado intimamente com o lançamento do pavilhão em Ramalho Ortigão.

Em que ponto está esse processo?

Há um direito de superfície que foi dado ao F. C. Porto nos próximos 75 anos para lançar um novo pavilhão. Portanto, para pensarmos em modalidades femininas, temos que ter uma nova casa. A nova casa tem um sítio, que é esse, o pavilhão Ramalho Artigão, mas é preciso arranjar os meios de financiamento para o construir e depois, a longo prazo, potencialmente, esperemos, no segundo mandato, lançar esse desafio de crescer na diversidade, que é uma obrigação e uma responsabilidade social do F.C. Porto.

O F.C. Porto foi, nos últimos tempos, abordado por investidores estrangeiros?

Não, formalmente e diretamente não. Se abrirmos um dia a porta a investimento estrangeiro, seja em que moldes for, será o princípio do fim do F.C. Porto enquanto clube de associados. O nosso objetivo é que, enquanto clube de associados, se mantenha e se prolongue no maior espaço de tempo da sua história. É assim que deve ser. As dificuldades económicas e financeiras são típicas de um clube português. E é por isso que há que reformatar todo o novo conceito de receitas para que sejamos sustentáveis enquanto clube de associados. Eu acho que sermos um clube de associados é uma vantagem competitiva neste momento no panorama do futebol europeu, porque não estamos sujeitos às extravagâncias de diferentes proprietários que vão dominando as diferentes sociedades que gerem os diferentes clubes, sejam sociedades ou fundos. E da extravagância de um chinês se passa para um russo, de um russo para um americano, de um americano para um inglês. E nesta disrupção se vão destruindo culturas, valores e princípios. Portanto, a entrada de capital estrangeiro no futebol com o Porto, e a presença de um acionista maioritário, está fora de questão. Isso seria o fim do associativismo. É o princípio do fim e é algo que devemos combater. Chegar a esse ponto só num caso evidente de falência financeira. É um passo que nós temos que evitar em absoluto. Portanto, se isso acontecesse, e se acontecesse comigo, seria uma falha grave minha enquanto presidente.

Não é uma perspetiva demasiado conservadora e até romântica, atendendo às dificuldades tradicionais dos clubes portugueses?

Em primeiro lugar, regressando ao aspeto de vantagem competitiva: eu acho que ela é evidente. Nós não estamos sujeitos a estas disrupções. O F.C. Porto é um clube de princípios e de valores e de uma exigência interna clara. Na sua génese estão os associados. Portanto, usar isto para mim é uma vantagem competitiva dentro do panorama europeu, sendo que na parte financeira os clubes portugueses sofrem quando competem com os outros. Depois, as novas formas de receita, desde logo aquela que nós criamos com as Dragon Notes, permitem criar sustentabilidade aos clubes associados. Nós fomos os primeiros, os pioneiros, o Sporting seguiu-se agora com o seu próprio Lion Notes, ou o que lhe quiser chamar, e potencialmente o Benfica poderá lançar-se numa nova emissão de dívida relacionada com as receitas que o seu estádio gera para levantar capital e, no fundo, reformatar-se e reformular-se economicamente. Portanto, há novas formas de criar receita. Esgotadas essas, para onde é que caminhamos? E aqui entramos na discussão das dificuldades que os clubes europeus atualmente têm para competir com a Premier League, o animal que distingue o futebol europeu e que se tornou de tal forma poderoso que o F. C. Porto agora compete com clubes do Championship por jogadores, porque os da Premier League já estão noutra patamar. Portanto, como é que os clubes europeus se unem para criarem condições novas de receitas económicas que tornem viável competirem com a Premier League? Até que ponto e quando passaremos a ter competições intrafronteiriças que permitam os clubes europeus gerarem mais receitas?

Acredita que essa independência económica do Porto continua muito alicerçada no desempenho desportivo e na capitalização dos ativos, sobretudo os jogadores?

Sim, e no mercado de transferências. Portanto, receitas europeias, direitos audiovisuais e entradas na Liga dos Campeões.

A questão do estádio, a questão do naming é recorrente. Pergunto-lhe se o naming do estádio é negociável e quanto é que pode valer esse naming?

Se recuarmos algumas décadas, quando havia a intenção de afirmação publicitária no plano nacional, havia determinadas empresas que patrocinavam os três clubes. Se partimos de um pressuposto baixo, de que o naming de um estádio de um dos três grandes vale pelo menos três milhões de euros, qualquer empresa multinacional que se queira implementar no território nacional patrocinaria os três grandes clubes portugueses, o que implicaria imediatamente um investimento de nove milhões de euros em publicidade no território português. Portanto, isto simplesmente não é viável para as grandes companhias. Depois, companhias nacionais não se querem vincular especificamente a um clube, com medo de represálias de comportamento dos seus próprios clientes que sejam de outros clubes. Portanto, é um desafio, é preciso uma lógica muito coordenada e específica relativamente a estes investidores que queiram este nível de exposição mediática. O F. C. Porto está à procura, tal como está à procura a Legends pelo F. C. Porto.

Esse valor que tem, os tais três milhões de euros, é uma referência do mercado?

É uma referência do mercado. Isto tudo depois depende da quantidade de ativos que se metem ou que se colocam num patrocínio de um naming do estádio, mais a relação com a própria base de dados, ou seja, os adeptos do Futebol Clube do Porto, que nós não queremos que seja invasiva ao ponto de tratarmos a nossa base de dados como clientes que têm que servir os interesses de outras companhias. Portanto, é tudo muito sensível. A verdade é que estamos no mercado. Acreditamos que a exposição mediática de um naming é forte. Reformula também o conceito dos estádios. Acho que o nome Dragão é unânime para todos, portanto, teria que ser mantido.

Ainda dentro do mesmo tema, mas saindo aqui um bocadinho da questão da monetização, preocupa-o esta perda de identidade no futebol, quer dentro de portas quer em termos internacionais? Vemos agora, por exemplo, que está a decorrer o Mundial, pausas para hidratação em estádios com ar condicionado, onde a temperatura é perfeitamente aceitável... Esse excesso de mercantilismo preocupa-o?

São sinais preocupantes dos tempos, há sinais que requerem determinadas adaptações, nós também nos fomos adaptando. Estive presente na final da Copa América do ano passado, entre a Argentina e a Colômbia, e o intervalo foram 30 minutos para um espetáculo da Shakira. Portanto, eu acho que as instituições internacionais tentam reinventar também modelos económicos. São instituições sem fins lucrativos, mas que obrigam a determinadas posições, a exposição da quantidade de patrocinadores que têm, e também às vezes para oferecer um melhor produto aos adeptos, que alguns gostam, outros não. Novas realidades, acho que as mais preocupantes são as multipropriedades, onde em sede de comitê de competições de clubes da UEFA mostramos cada vez mais resistência e preocupação para o domínio das mesmas. Na realidade portuguesa essas multipropriedades são um veículo apenas de investimento, portanto as nossas sociedades desportivas que não aqueles clubes de futebol que são puramente ainda associativos estão a mudar de dono à mesma frequência, com grandes dificuldades económicas, incluídas em multipropriedades, onde servem os interesses do clube-mãe e do investidor e do proprietário e não os interesses dos seus associados e adeptos. É uma realidade transversal ao futebol europeu, cada vez mais premente, mas em relação à qual os clubes europeus estão preocupados e a tentar que não haja uma proliferação destes multiclubes europeus. Também me parece evidente que esta ideia de multiclube está a falir, porque no início foram pensadas como projetos de desenvolvimento de cadeia de jogadores, portanto, dos jogadores passarem de crescimento em crescimento e passarem de clube em clube e crescerem desportivamente. Portanto, também acho que essa ideia, esse ideal, está a falir. Mas há muitas ameaças às realidades da forma como nós, mais conservadores, pensamos no fenómeno do futebol. Agora, há sempre uma capacidade de adaptação do consumidor.

"Não vejo possibilidade de relacionamento com Varandas"

Podemos qualificar as relações do F.C.Porto com o Benfica e o Sporting como institucionalmente toleráveis ou há uma diferença de tratamento e respeito entre Rui Costa e Frederico Varandas? E,

tendo em conta o atual cenário, é de prever uma maior aproximação entre F.C.Porto e Benfica?

A relação institucional com o Benfica é de grande elevação e respeito. Houve mais exageros da minha parte, enquanto presidente do F. C. Porto, no sentido de Rui Costa do que o contrário. Até já fiz recentemente um "mea culpa". Tento retratar-me sempre que posso e faço-o novamente aqui. Há uma rivalidade histórica com o clube líder no número de campeonatos nacionais - não no número de títulos nacionais e internacionais de futebol, que esse é nosso -, mas que o F.C. Porto quer ultrapassar o mais rapidamente possível. Tudo o que é mágico e que envolve o F. C. Porto e o Benfica é algo que devemos dignificar nessa rivalidade histórica. Ora, isso não se passa com o Sporting, simplesmente porque a sua liderança neste momento entra por um patamar de injúria, calúnia e vitimização com o F. C. Porto que nós não podemos tolerar. E, apesar de haver alguma unificação do ponto de vista estratégico sobre o que o futebol português precisa, a realidade é que, fruto dessa vitimização permanente, das calúnias, das injúrias que semanalmente invocam contra F. C. Porto, não há relação possível, nem pode haver relação possível.

Que explicação encontra para isso? O F. C. Porto transformou-se num alvo útil à gestão interna do Sporting?

Talvez sim, suportado por um grupo de Comunicação Social com maior afinidade clubística com o Sporting e que tenta, basicamente, filtrar e opinar orientado por uma visão estratégica e uma voz popular para o Sporting. Tudo o que foi feito no Sporting pelo presidente Frederico Varandas foi a transformação de um clube recentemente vencedor, que se afirma e que foi construído para se tornar vencedor. Algo que não era, porque vivia sempre em instabilidade política ou desportiva muito evidente. Portanto, isso é um sucesso e um mérito do próprio. Agora não pode é viver na permanente vitimização, injúria e calúnia para com o F. C. Porto, a qual teve o seu expoente máximo no caso do pavilhão e do cheiro a amoníaco. O Sporting ultrapassou todos os limites do razoável. O F. C. Porto já deu todos os documentos bem sustentados ao Ministério Público e o mais provável é acontecer um arquivamento desse caso inventado pelo Sporting. E, a partir daí, o F. C. Porto irá com tudo contra o Sporting.

Essa blindagem institucional do F. C. Porto para com o Sporting vai manter-se durante o seu mandato? Não há margem para nenhum tipo de abertura e pacificação?

Pela personalidade do próprio (Frederico Varandas) não vejo que haja qualquer possibilidade de relacionamento. São tipologias de personalidade com que eu não consigo dar-me nem respeitar. Aquela frase de Frederico Varandas após o jogo da primeira-mão das meias-finais da Taça de Portugal - "eles têm medo" -, foi utilizada no balneário portista?

Bom, terá sido utilizada seguramente pelos jogadores e pelo treinador, não sei até que ponto. Há sempre estratégias de motivação que os líderes utilizam para fazer transcender os seus atletas, acho que isso faz parte do desporto, a forma como arranjamos pontos motivacionais no jogo a jogo para trazermos a vitória. Portanto, isso é mais uma pergunta para o mister Farioli do que para mim. Eu sempre fui um líder muito mais emocional e muito mais irracional. Seguramente o André Villas-Boas treinador teria utilizado. Não sei se o Francesco Farioli, treinador teria feito da mesma forma que eu. Ou se o fez da mesma forma.

Qual é o seu grau de satisfação no que se refere à chave de repartição de receitas em matéria de direitos televisivos que foi aprovada na Assembleia Geral da Liga?

Bom, para já é uma concessão dos grandes, relativamente a essa chave. E os grandes basicamente é o F.C. Porto e o Sporting, porque o Benfica esteve fora da mesma. Houve uma concessão, mas um risco também, porque se algum dia um destes três grandes cair na quarta posição pagará pelo fator performance desportiva que está relacionado com a chave da repartição. Estou satisfeito com o que foi acordado em sede da Assembleia Geral e previamente acordado em sede de direcção da Liga Centralização. Agora falta ir a mercado para chegarmos ao número que pensamos que o futebol português vale.

Qual é esse número?

Esse número situa-se entre os 200 e 250 milhões de euros. Era um número, digamos, perfeito ou perfeitamente alcançável para o futebol português. Evidentemente pode oscilar. Nós queremos que ele seja construtivo num primeiro ciclo para um segundo ciclo, tanto que vai em crescendo. Mas para isso é fundamental que o futebol português melhore na sua transversalidade relativamente a outras problemáticas, desde logo a qualidade das suas infraestruturas, a qualidade da tecnologia de VAR. Na

fiscalidade também, porque permitirá aos clubes terem um pouco mais de fluxo de caixa para gerir relativamente a futuros investimentos. Portanto, há uma série de novas problemáticas que urge resolver.

Com a nova realidade dos streamings que temos visto no Mundial, acredita que o caminho é para aumentar esse valor ou está um bocadinho cético?

Há que ser criativo na forma como se vendem os direitos. Isto é mais uma resposta para o André Mosqueira do Amaral (diretor-executivo da Liga), que tem estado muito ativo na venda do produto do futebol português. Eu acho que há novas maneiras de criarmos mais conteúdos, também dos próprios clubes meterem mais ativos dentro do processo de centralização. Por isso é que o F. C. Porto tinha que oferecer resistência a qualquer outra proposta, porque os três grandes, apesar de tudo, são o grande motor do futebol e nós não temos o comportamento regional que têm outros países, nem os clubes nacionais com todo o respeito, têm o poder que têm outros clubes noutros países e noutras geografias. Portanto, enquanto motor do futebol, os três grandes tinham que se defender também nesta chave de repartição

Mencionou também a questão dos custos de contexto, da melhoria da tecnologia VAR. Acha que estão a ser dados os passos corretos ou poderia ter sido feito muito mais?

É necessário mudar o licenciamento, as exigências do licenciamento. Essa é uma preocupação que existe, também muito via do que aconteceu com o F. C. Porto B na época passada. A uniformização da tecnologia VAR em todos os estádios portugueses é premente, esse é o primeiro passo. Mas antes de passarmos ao passo tecnológico, é precisa uma uniformização da tecnologia VAR em todos os estádios. As mesmas câmaras, a mesma qualidade, o mesmo número de câmaras. E depois a melhoria da tecnologia e das ferramentas. Portanto, desde logo, linha de golo e offsidés semiautomáticos. Essas alterações tecnológicas devem estar vinculadas também à centralização, numa parceria que poderia ser feita com a Federação Portuguesa de Futebol e com a Liga Portugal, para, de certa forma, suportar os custos iniciais desse tipo de investimentos, que é uma das grandes problemáticas que os clubes levantam relativamente à uniformização do sistema da tecnologia. Ultrapassadas essas problemáticas, o produto do futebol português também melhora, há menos casos nos nossos jogos, melhores decisões de arbitragem. A tecnologia ao serviço da verdade desportiva. E não ter casos, como tivemos o ano passado, no F. C. Porto B, em que um offside evidente não foi decidido por conta da exposição à luz solar e ao posicionamento da câmara e das colunas dos estádios. É algo patético que temos de combater. Nós fizemos muito barulho o ano passado, agora temos a Federação finalmente connosco, porque em sede da Liga Portugal o Pedro Proença foi muito recetor deste nosso movimento e agora quer passar para essa obrigatoriedade como promotor de uma melhoria. As câmaras utilizadas na Premier League para decidir foras de jogo são capazes de decidir 60 frames por segundo. As câmaras portuguesas estão entre os 5 e os 10 frames por segundo para tomar uma decisão sobre um fora de jogo. Portanto, isso é a diferença entre a bola estar colada ao pé ou estar ligeiramente afastada em cinco centímetros. A partir daí é muito mais difícil para quem opera a tecnologia VAR tomar decisões que sejam coerentes. Portanto, há uma parte que está relacionada com a tecnologia e há outra parte que está relacionada com a informação e a educação dos próprios árbitros, que tem a ver com o conselho de arbitragem, com o próprio desenvolvimento dos árbitros e a forma como são penalizados ou recompensados. Já vimos árbitros que passam de apitar um jogo na Liga 2 promovidos para um clássico e não vimos uma regularidade que compense relativamente os melhores.

A qualidade dos árbitros é um problema no futebol português?

A uniformização de critérios de decisão é uma das grandes problemáticas do futebol europeu ou mundial, digamos assim. Há uma tentativa imediata de uniformizar critérios, esse é o ponto fundamental. O que é que aconteceu este ano desde a tomada de posse do Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Pedro Proença? Aconteceu uma liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem que não funcionou, mais uma exposição pública e mediática dos árbitros, com diferentes identificações do critério em situações que para nós nos parecem similares e que acabaram por confundir também os próprios árbitros e levaram a uma deterioração evidente da qualidade de arbitragem e dos critérios em determinados lances. Todos lutamos para uma uniformização clara dos critérios de arbitragem: o que é um penálti, o que é uma mão, e o que é uma falta, uma falta para amarelo, o que é uma falta para vermelho. No fundo, as grandes decisões. O presidente da Federação Portuguesa de Futebol

pede tempo para o seu Conselho de Arbitragem funcionar na plenitude. Esta primeira época foi um falhanço evidente. Houve da parte dos próprios um recuar relativamente à posição dos árbitros que eu acho que foi positivo. Vamos ver na próxima época que tipo de posicionamento vai ter esta liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem relativamente ao que aconteceu nesta época. Não foi positiva, foi difícil. Agora, também me parece evidente que determinados grupos de Comunicação Social vivem mediaticamente das más decisões de arbitragem para criar programas e conteúdos que atraem pessoas. Não estou a dizer que é o vosso (grupo), mas há também da parte da Comunicação Social um empolamento destas decisões, porque causam, evidentemente, controvérsia, causam caos, trazem atenção e chamam atenção. E trazem, no fundo, receitas.

O F. C. Porto está mais satisfeito com o presidente da Liga? E com a Liga em geral?

Bom, nós não fomos apoiantes desta candidatura. Já publicamente felicitei o Reinaldo Teixeira pelo trabalho feito, principalmente no caso que está relacionado com a centralização de direitos audiovisuais, foi uma das suas grandes vitórias deste seu primeiro mandato que termina em 2027. Agora levantam-se outras problemáticas, digamos que a sua concentração esteve sobretudo nesse campo, agora falta a parte que está relacionada com a competição, com a organização de jogos, a parte que está relacionada com o fair play financeiro, que suponho e espero que sejam bandeiras da sua candidatura ao segundo mandato. Depois o F. C. Porto tomará as suas posições relativamente a este ou a outros candidatos.

Que transformações foram feitas no âmbito do futebol de formação que conduziram a este sucesso, para muitos inesperado, em todos os escalões?

Foram transformações profundas que queremos sustentar no tempo. É o mesmo que queremos fazer relativamente à equipa sénior: que o F. C. Porto não deixe mais este lugar, que é seu, que é o primeiro lugar, na formação também. Apesar de tudo, não é necessário ganhar títulos na formação para termos uma boa formação, uma visão e um projeto identificativo do que é um jogador à Porto que quer chegar à equipa principal. Neste campo, encontrámos estabilidade, desde que colocamos o José Tavares nesta posição, um homem que conhece profundamente a casa, onde já foi vencedor, e que gradualmente implementa de novo o seu projeto, a sua visão formativa. Desde 2010-2011, em 39 títulos disponíveis, o F. C. Porto, na formação, só tinha ganho seis. Portanto, conquistar de volta um pleno é algo muito reconfortante relativamente ao futuro. O bingo do pleno é que estes miúdos cheguem, efetivamente, à equipa principal, pelo que esse projeto é muito mais a médio e longo prazo. A afirmação deste pleno que terminamos agora com os sub-15 só se conquistará dentro de quatro anos, quando, por exemplo, o Tiago Portugal chegar à equipa principal. Portanto, ganhar títulos foi a consolidação também desse projeto formativo que trouxe o Tiago Portugal como exemplo à equipa principal. É um projeto formativo que corresponde sempre a 10 anos. Serão 10 anos em que eu espero que o José Tavares esteja à frente do projeto. Se vincularmos isto a mandatos ou a anos de mandatos, serão 12 anos, basicamente, seguindo as melhores práticas. Quantos jogadores da formação chegarão à equipa principal com capacidade para ganhar títulos e se afirmarem no panorama de jogador do Futebol Clube do Porto.

O F. C. Porto mudou um bocadinho a estratégia para blindar os jogadores em função daquilo que aconteceu com o Cardoso Varela?

No caso do Cardoso Varela, o F. C. Porto fez o barulho necessário para que um caso como esse não volte a acontecer. O Cardoso Varela não está sentado aqui ao meu lado, mas estou seguramente convicto que provavelmente diria que cometeu um erro. Não por si, mas pela ganância de outros que o levaram a sair do F. C. Porto. A ganância de outros provavelmente vendida à sua família, uma família pobre, de grandes dificuldades económicas, que provavelmente se deixou ir por palavras e por um outro sonho. Não quero dizer que essas mudanças às vezes não funcionem. Na realidade do Cardoso Varela é que não funcionou, o jogador está perdido na Croácia, no Dínamo de Zagreb B, à espera de um melhor futuro e com certeza lamenta que tenha dado este passo, principalmente quando o F. C. Porto defendeu de forma muito clara o seu futuro, quando o Vítor Bruno lhe disse que seria englobado na pré-época da equipa principal, tal como o Rodrigo Moura. Custa ver que um talento como ele se tenha perdido. Depois há outra parte que está relacionada com o assédio a jovens, que é uma competição. Isto está relacionado com o crescimento exponencial dos clubes da Premier League, que neste momento têm redes de scouting absolutamente infalíveis. Mas não só as redes de scouting, como também a análise de dados, as ferramentas de dados, as ferramentas de filtros desses dados,

que lhes permite chegar ao talento muito mais rápido do que os clubes portugueses, que normalmente eram utilizados como pontes para chegarem a esses clubes, e que nos obrigam também a defender os nossos próprios ativos com melhores condições, melhores ofertas, melhor venda do que é um projeto formativo futuro.

Mas o contrário também acontece. O F. C. Porto contratou agora um prodígio de 16 anos da Noruega. Mas com acordo total de clube. O F. C. Porto pagou caro por um miúdo de 16 anos, pelo potencial de jogador futuro, que vem para uma escola melhor, que nós acreditamos que é esta, quando a competição é maior, para se desenvolver, mas que nunca foi feita à revelia do Fredrikstad, neste caso. Portanto, o F. C. Porto não deixa de pagar cerca de 1.8 milhões por um diamante por lapidar, basicamente.

E esse trabalho em dupla via, vamos chamar-lhe assim, tem que continuar a ser feito?

Sim, no fundo é uma lógica muito simples....

... mas não há o risco de ser mal entendido pelos sócios? Vamos apostar na formação, mas depois vamos contratar fora um miúdo de 16 anos?

O F. C. Porto sempre se afirmou, não só na formação, mas também e sobretudo, no seu scouting ao longo dos anos. Foi capaz de convencer os melhores jogadores do mundo, que depois se afirmaram mais tarde, a passarem pela escola F. C. Porto. O F. C. Porto distinguiu-se por conseguir atrair o melhor talento do mundo, desde logo James Rodriguez, Falcão, Hulk, etc. Juntando depois a isso a escola formativa do clube, como jogadores como Ricardo Carvalho, Vitinha, Ruben Neves e Diogo Costa, entre outros. Na sua linha de scouting, o F. C. Porto tem que se antecipar cada vez mais aos outros e ir buscar aos 16 e aos 17 anos, enquanto eles custam mais ou menos entre os 2 e os 10 milhões de euros. Porque a partir daí custam entre os 10 e os 20, os 20 e os 30, e os 30 e os 40. Qual é a política atual do F. C. Porto perante os agentes?

O F. C. Porto trabalha com todos. E isso é outro dos grandes fenómenos em mutação no futebol atualmente. Porque os jogadores passam a transitar entre agências. Ou seja, a relação de compromisso, de amor, daquele que primeiro te identificou e que te vai levar até ao fim da tua carreira, deixou de existir. Os jogadores são assediados por outros agentes com compensações, para virem para as suas agências, porque também esses fazem o seu próprio scout relativamente ao seu potencial talento e ao que eles podem render futuramente. Houve um corte de uma relação umbilical com aquele agente que descobriu o talento e ficou com esse talento até ao fim da sua carreira. Os jogadores agora são assediados por outros agentes e vemos por isso muitos câmbios. Esse é o primeiro fenómeno. O segundo fenómeno é que os fundos começaram a comprar as agências de jogadores. Portanto, há basicamente um, dois, três fundos que dominam praticamente 20 agências de jogadores de futebol. E esse é o novo veículo pelo qual poderemos ver ainda mudanças mais dinâmicas e específicas entre clubes, pelos interesses de determinados fundos em colocar determinados jogadores em determinados clubes. Portanto, tudo novas problemáticas e novos fenómenos.

Nesta altura não há agentes preferenciais?

Não, deixou de haver. É o representante do atleta, basicamente.

Para fechar o capítulo da formação, o F. C. Porto conseguiu o pleno andando com a casa às costas, como o próprio André reconheceu. Na melhor das hipóteses, quando é que teremos o centro de alto rendimento em Gaia concluído e quando é que vai ser dado esse passo decisivo para poder dar alguma estabilidade também à formação em termos logísticos e infraestruturais?

É processo longo e difícil, sobretudo pela falta de capacidade económica do F. C. Porto de autossustentar o projeto. O nosso desafio é escolher o veículo financeiro para construir o centro de treino. O F. C. Porto fez duas coisas. Uma, pagou com o seu próprio capital a compra do terreno, detendo a propriedade do centro de alto rendimento. Pagou também do seu bolso a movimentação de terras, que tem nove meses pela frente, fruto da inclinação que está associada ao terreno. Construir um centro de treinos daquela dimensão terá um custo a situar-se entre os 40 a 50 milhões de euros, fruto também do aumento dos custos.

Difícilmente vê como concluído no final deste seu mandato?

Difícilmente. Estamos em campo para escolher esse veículo financeiro para avançar para a sua construção. Mas é uma problemática grande para nós.

Podemos deduzir que está em condições de nos dizer que se vai recandidatar? Está a dois anos de

concluir o mandato, o tempo passa muito rápido....

Sim, passa rápido. Um título está conquistado, em dois anos restam mais dois por disputar, sendo que o último apanhará, evidentemente, as eleições de abril, perante os estatutos do F. C. Porto. Acho que os sócios votarão pelo trabalho. Eu sempre disse que o presidente do F. C. Porto deve ser eleito de forma unânime. Penso que é isto que une também os portistas. O F. C. Porto é mais forte quando está unido. Por muito que eu goste de respeitar a democracia, penso que a história do F. C. Porto obriga que o seu presidente seja eleito de forma unânime, para que haja união comum em torno de objetivos a atingir, que é o sucesso do clube. Dito desta forma, enquanto o meu projeto F. C. Porto, seja ele qual for, for unânime, aqui estarei para liderá-lo. A partir do momento que eu perceber que deixo de ser unânime, nem sequer me recandidato, porque antes de ser presidente sou também sócio, sei perceber as dinâmicas que estão associadas à união do clube e jamais me poderia candidatar se visse que não tinha um projeto claramente vencedor.

Portanto, conta com uma vitória ainda mais esmagadora dentro de dois anos.

Em primeiro lugar, espero conquistar o título 26-27 e a partir daí ser a base da construção de um F. C. Porto cada vez melhor.

Essas feridas do passado já foram todas lambidas? Essa pacificação e conciliação já foram alcançadas? O F. C. Porto agarra-se a este passado, por isso é que fizemos também esta entrevista no museu, pela construção da sua história, pelo reconhecimento único do clube que somos e dos princípios e valores que nos marcam enquanto adeptos. Eu fui marcado por esta geração, pela liderança de Pinto da Costa, que foi de 42 anos. Tenho 48 anos, portanto, altamente e profundamente marcada por uma liderança única e vencedora. Estes novos sócios que agora chegam, que crescem a 20% ao ano, eu quero que eles sejam marcados da mesma forma que eu.

O que é que o F. C. Porto não tinha quando chegou à presidência e agora tem?

Houve sobretudo uma mudança radical em termos de projeto, sustentabilidade económica, relacionamento com a massa associativa, na forma de comunicar com o verdadeiro dono do clube e se calhar uma visão mais projetada no tempo, fruto da juventude do seu atual presidente. Foi nisso que os sócios votaram, basicamente. Há uma nova forma de nos relacionarmos com os associados, mais viva, mais direta, frontal e honesta, que os honra. Ser sócio do F. C. Porto, ter um lugar anual, custa dinheiro, é muito caro. E é por isso que os sócios também têm que ser recompensados, na forma como se relacionam com o seu clube de coração. Como é que se melhora isso? Necessidades, serviços, comunicação, benefícios e títulos.

"Acho que não há outra forma (que não seja nós contra Lisboa) enquanto se mantiver a disparidade de tratamento relativamente ao F. C. Porto, aos seus méritos, à forma como conquista, à forma como nos penalizam, como desgostam de nós, como desgostam dos nossos ativos"

Para si, ainda faz sentido o mantra "nós contra Lisboa?"

Acho que não há outra forma de o ver enquanto se mantiver a disparidade de tratamento relativamente ao F. C. Porto, aos seus méritos, à forma como conquista, à forma como nos penalizam, como desgostam de nós, como desgostam dos nossos ativos. Acho que é uma cultura muito própria nossa, mas que deve ser sustentada no tempo.

O período de convulsão interna que o F. C. Porto viveu antes do André chegar à presidência teve também uma relação direta com as claques. Qual é o estado da arte em termos de relações institucionais entre a direcção do clube e as organizações de adeptos?

Há uma relação muito estreita e direta com o grupo organizado da adeptos, após uma revisão profunda do protocolo. Protocolo esse que um dia, como vocês bem sabem, eu queria ver lançado e aprovado em sede da Assembleia Geral. Penso que já não precisamos desse passo, porque a relação é cordial, é frontal. O que sobretudo deixou de acontecer com um dos grupos organizados de adeptos é que deixou de haver desvio de fundos. Isto é claro e é factual. O F. C. Porto perdia cerca de dois milhões de euros por ano relativamente à bilhética que estava relacionada com um grupo organizado de adeptos, mais outras problemáticas que estavam relacionadas com algumas casas. Portanto, isso ficou resolvido a partir do momento em que o F. C. Porto se transformou digitalmente e deixou de haver capacidade de haver ilícitos relacionados com a bilhética. A partir do momento em que isso deixou de acontecer, a relação passou a ser factual, frontal e honesta. Evidentemente, houve retaliação, mas houve uma retaliação desportiva relativamente à época 24-25, que se eu fosse adepto a teria feito também da mesma forma, não da forma violenta, mas de forma vocal e comunicativa

relativamente a objetivos que tínhamos obrigatoriamente que atingir e não atingimos. Se calhar houve pouca tolerância para um ano de transição, absolutamente necessário, porque as fragilidades económicas que nós encontramos... Algumas são públicas, outras só nós sabemos. E foram muitas e duras. O F. C. Porto, que era um clube que tinha salários em atraso, não incumpriu uma única vez com nenhum dos atletas em nenhuma modalidade e nenhum dos seus funcionários em 2025-26. Isto é algo que nos orgulha enquanto gestores e é o patamar de excelência que queremos atingir para o futuro.

"Gostava que o Sérgio fosse aplaudido de pé por um estádio cheio"

O Sérgio Conceição deu-lhes parabéns depois deste título de futebol?

Deu os parabéns ao F. C. Porto, como tinha que ser. Percebendo a vossa entrada no lado que nos relaciona com o Sérgio, quero lembrar que o Sérgio também construiu este museu onde nos encontramos. É dos treinadores mais vitoriosos de sempre da história do F. C. Porto, em número de títulos, e é alguém que está intimamente relacionado com o clube. Eu disse ao próprio que não queria que lhe acontecesse o que aconteceu comigo, que foi um distanciamento da instituição para com o treinador André Villas-Boas, provavelmente fruto das ambições de destino de vida do André Villas-Boas, sócio do F. C. Porto. A verdade é que aconteceu muito por conta do F. C. Porto ter escolhido um seu anterior adjunto (Vitor Bruno) como futuro treinador principal e na cabeça do treinador Sérgio Conceição essas coisas que estão relacionadas no campo emocional com as lealdades e as traições, provavelmente o atraíram de uma forma que ele pensa que é desonesta, mas que é honesta em todos os sentidos. O F. C. Porto tinha que ser livre nas suas escolhas, era o que mais faltava se não fosse. No entanto, eu gostava muito de receber o Sérgio Conceição no centro do relvado.

É um convite?

É um convite, que o próprio não irá aceitar. Recebê-lo num estádio cheio. Seguramente não aceitará comigo na presidência do F. C. Porto. De estádio cheio, adeptos de pé, a aplaudir um treinador histórico. Esse é o reconhecimento que ele merece. E acho que é algo que já distinguiu esta presidência relativamente ao José Mourinho e relativamente ao Vítor Pereira. Gostava muito que o Sérgio tivesse esse momento, tal como o Pepe. Se os próprios entendem que com esta presidência é impossível, é um problema que lhes corresponde e ao qual eu sou completamente alheio. O meu desejo é esse. Gostava que tivéssemos essa oportunidade.

Certamente tem acompanhado o Mundial de Futebol. Como é que viu esta entrada de Portugal? Completamente em falso?

Sim e não. Em primeiro lugar, do ponto de vista desportivo, conta pouco. É possível inverter, é possível que Portugal ganhe na mesma o Campeonato do Mundo que alimenta os sonhos de todos os portugueses. É uma entrada em falso que aconteceu com muitas outras seleções que empataram os seus primeiros jogos, desde logo as favoritas...

"É altura de os jogadores da Seleção se refocarem, de pensarem em estratégias, se calhar de irem menos à praia e de irem mais à sala de reuniões"

Mas que fizeram mais remates à baliza.

Mas a Espanha também empatou e há muitas outras seleções nacionais que são candidatas que empataram e que tiveram dificuldades. Portanto, em primeiro lugar, enquadrar do ponto de vista qualificação. Do ponto de vista desportivo, a exibição foi fraca, não esteve à altura do que é uma geração de ouro absoluto do futebol português. Isso parece-me evidente, penaliza-nos e obriga-nos a uma semana de críticas absurdas e de dúvidas relativamente à qualidade de cada um daqueles jogadores. Portanto, acho que tem que haver um enquadramento natural do processo competitivo e esse acho que não está em causa. É altura de repensar, de se refocarem, de pensar em estratégias, se calhar de irem menos à praia e de irem mais à sala de reuniões. E, evidentemente, nessa força da união, Portugal tem todas as condições ainda para se qualificar, que também era o que mais faltava num grupo daqueles. Posto isto, ambições ainda desmedidas, porque é uma geração de ouro, porque queremos, ambicionamos muito, porque queremos também que o maior talento do futebol mundial, o homem que deu tanto a Portugal (Cristiano Ronaldo) saia agarrado ao troféu de campeão do Mundo, tal como Messi fez no Catar.

Se calhar também tem que sair um bocadinho durante os jogos, quando estiver cansado.

Isso faz parte da gestão do treinador. O treinador gere como bem entender o máximo goleador da

história do futebol. E ele saberá melhor como geri-lo. Agora, a verdade é que sim, a seleção nacional obrigou-nos a esta semana dura de repensamento, de críticas, de dúvidas e de penalização, mas penso que se reencontrará. Queremos querer, talento suficiente tem para o fazer e acho que dará a melhor imagem no próximo jogo.

Preocupa-o perder o Diogo Costa, guarda-redes da seleção?

O Diogo é o futuro deste clube, quero muito vê-lo entrar em campo com a camisola 2 para o ano, mas é um dos melhores ativos do F. C. Porto, tem as suas próprias ambições. Tem uma carreira única e sem paralelo no F. C. Porto. Quer vencer aqui e quer continuar a vencer. Portanto, nós estamos encantados da vida em tê-lo aqui de braçadeira no braço e com o número 2 nas costas.

"Não sei se o Diogo Costa vai cá estar na próxima época. É uma decisão tripartida entre proposta, o F. C. Porto aceitar a cláusula e depois o atleta chegar a acordo com determinado clube"

Diogo Costa vai estar no Dragão na próxima época?

Não sei se vai cá estar porque é uma decisão tripartida entre proposta, clube, o F. C. Porto aceitar a cláusula de rescisão ou não, e depois o atleta chegar a acordo com determinado clube. Portanto, eu não posso dizer que o Diogo não é dos atletas mais assediados que nós temos.

Quem ficou, e já tinha sido anteriormente chamado aos trabalhos da Seleção A, foi o Rodrigo Moura, também ele um jogador muito assediado. Acha que vai ser possível ele continuar no F. C. Porto?

O nosso objetivo é manter a base, mas não desligando da sustentabilidade económica e financeira. Portanto, há claramente uma necessidade de fazermos tesouraria, de fazermos transferências para termos dinheiro e operarmos com as nossas responsabilidades. O objetivo é manter a base e mexermos o mínimo possível. Nessa base estão os melhores jogadores do F. C. Porto, os seus melhores ativos. No nosso pensamento tem que estar pagar salários aos jogadores, pagar salários aos funcionários, cumprir com as nossas responsabilidades e cumprir com um mercado de transferências de 100 milhões de euros do ano passado.

Presidente do F. C. Porto, André Villas-Boas, em entrevista para o JN, O Jogo e TSF

Foto: Pedro Correia

Nuno VieiraPedro Ivo CarvalhoVítor Santos

## Croácia afina pontaria com bolas de andebol e... caixotes de lixo

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=bcb2636b>

A seleção croata deu a conhecer, este domingo, o treino curioso de preparação para o duelo frente ao Panamá, agendado para a madrugada da próxima quarta-feira, à meia noite.

O Mundial2026 corre a toda a velocidade e a seleção da Croácia está a preparar o próximo jogo, na tentativa de conseguir um resultado mais positivo na segunda jornada da fase de grupos. Depois da derrota por 4-2 diante de Inglaterra, os croatas vão ter pela frente o Panamá já na madrugada da próxima quarta-feira.

Este domingo, a seleção deu a conhecer o treino no mínimo curioso e diferente do habitual. No fundo, os jogadores treinaram com bolas de andebol e caixotes do lixo, onde a pontaria foi o principal desafio.

Na legenda do vídeo publicado nas redes sociais, pode ler-se a seguinte mensagem: "Objetivos não convencionais. Bolas de tamanhos diferentes. A mesma obsessão em acertar no alvo".

Confira o vídeo

Notícias ao Minuto

## De Lewandowski à ameaça ao Sporting. Villas-Boas não deixa nada por dizer

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: Notícias ao Minuto Online

Autores: Carlos Pereira Fernandes

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=6e44ccb3>

Numa extensa entrevista, André Villas-Boas acusa o Sporting de entrar "por um patamar de injúria, calúnia e vitimização com o FC Porto", garante que Robert Lewandowski "sempre esteve fora" e lança até um convite a Sérgio Conceição.

André Villas-Boas concedeu uma extensa entrevista à edição deste domingo do jornal O Jogo, na qual abordou diversos temas, entre eles o ambiente mais 'crispado' que se viveu entre o FC Porto e o Sporting, na passada temporada desportiva de 2025/26, em contraste com a relação de "grande elevação e respeito" que mantém com o Benfica.

"Houve mais exageros da minha parte, enquanto presidente do FC Porto, no sentido de Rui Costa, do que o contrário. Até já fiz recentemente um 'mea culpa'. Tento retatar-me sempre que posso e faço-o novamente aqui. Há uma rivalidade histórica com o clube líder no número de campeonatos nacionais - não no número de títulos nacionais e internacional de futebol, que esse é nosso - mas que o FC Porto quer ultrapassar o mais rapidamente possível", afirmou.

"Tudo o que é mágico e que envolve o FC Porto e o Benfica é algo que devemos dignificar nessa rivalidade histórica. Ora, isso não se passa com o Sporting, simplesmente porque a sua liderança, neste momento, entra por um patamar de injúria, calúnia e vitimização com o FC Porto que nós não podemos tolerar. E, apesar de haver alguma unificação do ponto de vista estratégico sobre o que o futebol português precisa, a realidade é que, fruto dessa vitimização permanente, das calúnias, das injúrias que semanalmente invocam contra o FC Porto, não há relação possível, nem pode haver relação possível", acrescentou.

Para o presidente dos dragões, este cenário atingiu o seu "exponente máximo no caso do pavilhão e do cheiro a amoníaco", aquando do Clássico de andebol: "O Sporting ultrapassou todos os limites do razoável. O FC Porto já deu todos os documentos bem sustentados ao Ministério Público, e o mais provável é acontecer um arquivamento desse caso inventado pelo Sporting. E, a partir daí, o FC Porto irá com tudo contra o Sporting".

"Disse a Sérgio Conceição que não queria que lhe acontecesse o que aconteceu comigo"

André Villas-Boas virou, de seguida, baterias para Sérgio Conceição, que assumiu ter-lhe enviado uma mensagem de "parabéns ao FC Porto, como tinha de ser", pela recente conquista do título de campeão nacional. Lamentando o deteriorar da relação entre ambas as partes, aproveitou mesmo para lhe enviar um convite: "Gostava muito de receber o Sérgio Conceição no centro do relvado".

"Percebendo a vossa entrada no lado que nos relaciona com o Sérgio, quero lembrar que ele também construiu este museu onde nos encontramos. É dos treinadores mais vitoriosos de sempre da história do FC Porto, em número de títulos, e é alguém que está intimamente relacionado com o clube. Eu disse ao próprio que não queria que lhe acontecesse o que aconteceu comigo, que foi um distanciamento da instituição para com o treinador André Villas-Boas, provavelmente fruto das ambições de destino de vida do André Villas-Boas, sócio do FC Porto", confidenciou.

"A verdade é que aconteceu muito por conta do FC Porto ter escolhido um seu anterior adjunto [Vítor Bruno] como futuro treinador principal, e, na cabeça do treinador Sérgio Conceição, essas coisas estão relacionadas no campo emocional com as lealdades e as traições, provavelmente, o atraioamento de uma forma que ele pensa que é desonesta, mas que é honesta em todos os sentidos. O FC Porto tinha de ser livre nas suas escolhas, era o que mais faltava se não fosse", completou.

"Lewandowski? É sempre bom sonhar com grandes chegadas..."

A terminar, o presidente do FC Porto debruçou-se sobre os planos que tem em vista para o mercado de transferências de verão, não escondendo que os mesmos contemplam a aquisição de uma nova opção para a frente de ataque, já que as previsões para Samu Aghehowa "estar em pleno das suas capacidades físicas e desportivas" apontam para "para inícios/meados de novembro".

Neste momento, para a posição de ponta de lança, o treinador italiano Francesco Farioli "tem apenas duas opções, o André Silva e o Deniz Gul", pelo que deverá mesmo receber mais uma 'cara nova'... que não será Robert Lewandowski, que está livre, após o final do contrato com o Barcelona, mas que, garante, não passa de um "sonhos dos adeptos".

"Partir do pressuposto de que, por termos três polacos, isso seria suficiente para convencer um dos melhores jogadores do mundo e um dos jogadores mais caros em termos salariais, e que, tanto quanto sei, está hoje mesmo a assinar pelo Chicago Fire... (...). Sempre esteve fora. É sempre bom sonhar com grandes chegadas. O que não podemos é ter delírios que impeçam a sustentabilidade financeira do clube", concluiu.

Carlos Pereira Fernandes

## **Percurso de sucesso. Carlos Martingo com três medalhas de prata em seis anos**

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: RTP Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=97372127>

Carlos Martingo vai ser o treinador da equipa de Andebol do Porto. O ainda seleccionador nacional de sub-20 está motivado pelo novo desafio mas, antes disso, quer levar Portugal ao título Europeu.  
Rádio e Televisão de Portugal

## **Caso do amoníaco: Villas-Boas diz que Sporting "ultrapassou todos os limites" e promete recorrer à justiça**

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: SIC Notícias Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=752e7b90>

André Villas Boas diz que o Ministério Público deverá arquivar o processo relativo ao caso do amoníaco, caso em que "o Sporting ultrapassou todos os limites". O presidente do FC Porto promete "ir com tudo" para tribunal, acusando os 'leões' de injúria.

Em entrevista ao JN, O Jogo e TSF, o presidente do FC Porto, André Villas-Boas, diz que o caso do amoníaco foi um episódio inventado pelo Sporting, que "ultrapassou todos os limites".

O dirigente dos 'dragões' afirma que o Sporting "não pode viver na permanente vitimização, injúria e calúnia para com o Futebol Clube do Porto, que teve o seu expoente máximo no caso do amoníaco, onde o Sporting ultrapassou todos os limites do razoável".

"O FC Porto já deu todos os documentos ao Ministério Público. O mais provável a acontecer é um arquivamento deste caso. E a partir daí o FC Porto irá com tudo contra o Sporting relativamente à injúria", garante Villas-Boas.

Questionado sobre a relação que tem com Frederico Varandas, o presidente do FC Porto diz não ver "nenhuma possibilidade de haver qualquer tipo de relacionamento". "É um tipo de personalidade que não consigo respeitar".

O que aconteceu?

Antes do clássico entre os rivais, no andebol, em março, um cheiro "super intenso" no balneário do Dragão Arena levou à hospitalização do treinador Ricardo Costa e do jogador Christian Moga, da equipa de andebol do Sporting.

Delegados do encontro deslocaram-se ao balneário e descreveram o odor como "adormecedor". Fonte do Sporting descreve um cheiro "super intenso", parecido a "lixívia ou algo tóxico", que obrigou toda a equipa a sair do balneário.

O FC Porto desmentiu "de forma absoluta, clara e inequívoca" os alegados incidentes no balneário visitante do Dragão Arena antes do jogo com o Sporting, rejeitando quaisquer problemas associados a "odores intensos".

Em comunicado, o clube considerou que as insinuações são "graves, abusivas e totalmente destituídas de qualquer fundamento", repudiando qualquer tentativa de associação do seu nome a situações que garante não corresponderem à realidade.

SIC Notícias

## FC Porto Vintage sagra-se campeão europeu +45 e +35 anos em andebol

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 21/06/2026

Meio: TSF Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=a503d46f>

Depois da equipa de +45 anos ter conquistado o primeiro título europeu de Masters, o FC Porto Vintage +35 recuperou o estatuto no escalão mais importante e sagrou-se heptacampeão europeu na soma das conquistas entre Porto Masters e FC Porto Vintage - Nice 2015, Gondomar 2017, Turim 2019, Granollers 2022, Tampere 2023, Paredes 2024 e, agora, Setúbal 2026.

Uma vitória por 22-17 sobre os franceses do Rennes valeu a recuperação do título, perdido na temporada passada, em Sevilha, frente a este mesmo conjunto gaulês. Em Setúbal, numa magnífica organização, o desafio começou a resolver-se no início da segunda parte, quando o FC Porto se escapou de 11-11 para 11-15, com, nesse período, duas defesas de Sérgio Morgado, e dois golos de Zé Pedro, um de David Tavares e outro de Mário Oliveira.

Eduardo Filipe aumentou para cinco bolas aos 14-19, Tiago Rocha fez o 15-20 e o campeão, o heptacampeão, estava encontrado. O título voltou a casa e a festa foi enorme.

Zé Pedro fez seis golos, o irmão Eduardo quatro e Jorge Ribeiro três.

[Additional Text]:

Imagem de contexto do artigo FC Porto Vintage sagra-se campeão europeu +45 e +35 anos em andebol

Imagem do autor Rui Guimarães

Rui Guimarães

## André Villas-Boas: "Não tenho feito outra coisa que não seja honrar o passado de Pinto da Costa"

|            |            |                  |              |
|------------|------------|------------------|--------------|
| Tipo Meio: | Internet   | Data Publicação: | 21/06/2026   |
| Meio:      | TSF Online | Autores:         | Vítor Santos |

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=46b7a8df>

André Villas-Boas considera que tem honrado o passado de Jorge Nuno Pinto da Costa. Na Grande Entrevista TSF, JN e O Jogo, o presidente do FC Porto aborda o mercado de transferências, a necessidade de os dragões venderem jogadores, as relações com os rivais e volta a convidar Sérgio Conceição e Pepe para homenagens.

O FC Porto tem vindo a aumentar o número de sócios. É viável poder aumentar a lotação do estádio ou do ponto de vista arquitetónico e até de engenharia esse aumento é impossível?

A lotação do estádio - que teve uma ocupação de 91% nesta época, algo que muito nos orgulhou e que foi um registo absolutamente histórico, tal como o crescimento de lugares anuais, número de sócios, ticketing e receitas - é algo que neste momento não está em equação porque, em primeiro lugar, há uma problemática vinculada à parte arquitetónica e, depois, porque 91% não são anos a fio de 100% de ocupação. É um bom primeiro teste, é um teste de desenvolvimento e de crescimento da massa associativa, de uma nova relação com o seu estádio e com a sua casa, mas penso que ainda não é para agora. Aumentar a lotação do Estádio do Dragão, em primeiro lugar, pode não ser viável; em segundo lugar, acho que ainda não se justifica. E, em terceiro lugar, acho que primeiro é preciso melhorar os serviços que o Estádio do Dragão presta aos sócios e adeptos. E é isso que estamos a fazer agora, precisamente com uma renovação revolucionária que permitirá oferecer melhores condições aos adeptos do Futebol Clube do Porto.

Para estar pronta já na próxima época desportiva?

Sim, um projeto a várias fases, que começou o ano passado, no início da temporada passada, que tem uma segunda fase agora com a criação de um sem número infinito de produtos de hospitalidade, de restauração, de serviços e que terminará no próximo ano com a parte que está relacionada com as acessibilidades do Estádio do Dragão. Portanto, melhores entradas e saídas, mais rápidas para as pessoas que vivem diariamente ou semanalmente o Estádio do Dragão.

E que novidades podemos dar sobre essas novas funcionalidades?

Bom, sobretudo ao nível da restauração e serviços, que os adeptos do FC Porto podem esperar e receber ao nível de catering, de escolhas, de melhor experiência no estádio, basicamente.

O FC Porto, no ano passado, fez o maior investimento da história, ao gastar 100 milhões de euros em reforços. Este ano vai ganhar tanto como no ano anterior?

Foi uma revolução necessária, uma injeção clara de talento e uma aposta que o FC Porto precisava de ter. O nosso primeiro desafio, como vocês bem sabem, foi a realidade económica, época 2024-2025, que nos permitiu um encaixe financeiro também considerável, mas que nos obrigava de novo a refazer a equipa para a época de 2025-2026 e reinvestir no talento da equipa. Portanto, foi um mercado histórico, sem paralelo na história do clube, mas absolutamente necessário para quem queria ser

candidato ao título. Acho que, se tivéssemos chegado ao fim da época 2025-2026 e o FC Porto não tivesse sido campeão nacional, é porque não tinha feito bem o seu trabalho ao nível de renovação e investimento no plantel. Portanto, uma revolução profunda, mas absolutamente necessária, que nos dá agora bases para atacar o mercado de outra forma. É importante ter consciência de que a realidade económica do FC Porto não está totalmente resolvida. Claro que a sua dívida foi prolongada a longo prazo, digamos assim. Temos responsabilidades financeiras, sempre temos uma responsabilidade financeira enorme, da qual não podemos escapar. Neste momento, trabalhamos a partir de outra base, uma base que não tínhamos o ano passado. Uma base boa, onde queremos manter os melhores talentos na equipa principal e reforçá-la em pontos estratégicos identificados pelo treinador. Não irá ser um mercado de 100 milhões, claro está, porque estas bases nos permitem olhar para o mercado de uma forma diferente e também muito mais ponderada.

E, nessa perspetiva, consegue garantir também a permanência desses principais jogadores ou está sempre sujeito aos interesses do mercado?

Sim, sempre sujeito aos interesses do mercado, que neste momento se comporta de uma forma muito específica, também pelo acontecimento do Mundial. O FC Porto, para ser competitivo, tem que tentar manter a sua base. É claro que os clubes portugueses têm necessidade imediata de tesouraria e de caixa, porque têm que fazer face aos seus compromissos e ter fluxos de caixa suficientes que façam face a esses compromissos, desde logo os salários e pagamentos a clubes, pagamentos também de transferências anteriormente feitas. E é por isso que somos sempre obrigados a mexer o mercado. Nesta fase não temos nada em concreto pelos nossos jogadores, o que nos dá uma base boa e proteção, mas temos que ter consciência de que é preciso criar esses fluxos de caixa para nos mantermos sustentáveis durante a época, do ponto de vista das nossas obrigações.

Há algum alvo preferencial que o FC Porto tenha identificado em termos de contratações?

Sim, muitos alvos, muitos deles referenciados. Acho que, sobretudo, o mercado desta fase, o mercado de junho e julho, é o mercado mais caro e é onde a maior parte dos clubes se protege relativamente aos seus ativos e pede quantias mais avultadas. Este é um mercado que normalmente se promove mais tarde. Por conta das entradas de novos treinadores, por conta dos inícios das pré-épocas, por conta também dos inícios das escolhas desses próprios treinadores, por conta das necessidades de fluxos de caixa de outros clubes. Portanto, diria que é um mercado que se agitará em agosto, nas semanas finais de agosto, onde os clubes têm necessidades imediatas mais prementes e então ativam-se no mercado de outra forma. Isto às vezes é limitativo dos ideais de um treinador, que normalmente quer começar uma pré-época com um plantel totalmente disponível e já totalmente feito. No entanto, nós também não podemos deixar de pensar na forma como atuamos no início desta época, 2025-2026, e ter em consideração que alguns jogadores do FC Porto também chegaram mais tarde, desde logo o Kiwior, que chegou no último dia do mercado de transferências.

Olhando para esse equilíbrio do plantel, há setores da equipa que o preocupam mais: a defesa, o meio-campo, o ataque. O ataque é sempre aquela questão.

O que marcou a época foi a lesão dos seus dois pontas de lança mais distintivos. Um representa a maior transferência de sempre feita por um clube português, que é o Samu; e, no outro caso, o de Luuk de Jong, uma das transferências surpresas da Holanda para o campeonato português de um jogador referência do futebol europeu. Portanto, essas lesões limitaram o FC Porto, obrigaram-nos a ir ao mercado em antecipação com a chegada do Moffi. Neste momento, nós temos projetado o Samu para estar em pleno das suas capacidades físicas e desportivas para inícios ou meados de novembro. Há uma série de responsabilidades de calendário nacional e calendário europeu para os quais o FC Porto, neste momento, tem apenas duas opções, que são o André Silva e o Deniz Gül.

É aí que aparece o Lewandowski?

É aí que aparece o Lewandowski, fabricado pelos sonhos dos adeptos...

E não entrou aí também o sonho do presidente?

A partir do pressuposto de que, por termos três polacos, isso seria suficiente para convencer um dos melhores jogadores do mundo e um dos jogadores mais caros, em termos salariais, do mundo e que, tanto quanto sei, está hoje [sexta-feira] mesmo a assinar pelo Chicago Fire.

Está fora, portanto...

Sim, sempre estive fora. É sempre bom sonhar com grandes chegadas. O que não podemos ter são delírios que impeçam a sustentabilidade financeira do clube.

A entrada do André no FC Porto marca uma cisão com o passado. E essa relação com o passado continua a ter alguns focos de tensão, pensando aqui no enorme peso histórico de Pinto da Costa. Pergunto-lhe como é que estão as relações com a família do ex-presidente e as pontes que sempre foi procurando fazer, mas que nem sempre foram conseguidas.

Sim, tentaram cortar pontes... A presença da família de Pinto da Costa é um motivo de aproximação ao nome Pinto da Costa e ao seu legado, um legado familiar, evidentemente. Claro que há uma coisa em que FC Porto não se mete, que são as disputas que têm a ver com essa família. O que nos une é Jorge Nuno Pinto da Costa e é Jorge Nuno Pinto da Costa que une todos os portistas. Portanto, tudo o que sucede relativamente à família são homenagens e, sobretudo, um direito que os assiste de viver a glória que o seu pai atingiu no FC Porto. Agora, o clube tem que estar alheio a tudo o que são as problemáticas familiares. Nesse campo não nos metemos. Convidamos com simpatia a família, sempre que há algum evento que achamos que seja importante, relacionado não só com a história de Jorge Nuno Pinto da Costa, mas também com a história do FC Porto, desde logo, vencer títulos.

Guarda algum tipo de mágoa por essa pacificação não ter sido completa? E acha, por outro lado, que o universo portista já está pacificado com essa memória e com esse legado de Jorge Nuno Pinto da Costa?

Eu não tenho feito outra coisa que não seja honrar o passado de Jorge Nuno Pinto da Costa. Essa é uma obrigação e uma responsabilidade enorme que eu tenho que ter. Portanto, nós tivemos uma afluência histórica ao memorial de Jorge Nuno Pinto da Costa, que foi lançado este ano, um ano após o seu falecimento. E essa afluência histórica também é o cordão umbilical dos portistas com o presidente dos presidentes do FC Porto. Portanto, nesse campo, a minha maior responsabilidade é continuar a elevar e honrar o bom nome de Jorge Nuno Pinto da Costa.

Para fecharmos este capítulo, consegue identificar a melhor memória que tem com Pinto da Costa?

Voltar a 2010-2011, comigo a treinador principal, foi uma época histórica onde tudo correu tão bem que a nossa relação foi perfeita, mas há vários momentos da minha história onde eu me cruzo com ele, desde logo enquanto Robsonzinho, o "estatístico" de Bobby Robson, como era apelidado.

Era assim que ele o tratava?

Era assim que me tratava com carinho. Portanto, isso são boas e eternas memórias. Uma mais marcante terá sido a primeira chamada que tive com ele, que basicamente confirmava a intenção de que eu fosse treinador do FC Porto para a época de 2010-2011. Acho que essa tem uma enorme profundidade porque é o sentido da honra da palavra, o sentido do expoente máximo representativo do FC Porto. Portanto, são estes momentos altamente emocionais que me vinculam ao presidente.

Farioli, enquanto treinador vencedor, conseguiu potenciar vários jogadores. Que papel é que tem hoje o treinador no êxito da equipa e que perspectiva é que tem para a próxima temporada, com a fasquia tão alta?

Fora a parte que está relacionada com tudo o que é o seu âmbito técnico e específico e a liderança, a motivação dos jogadores e o trabalho diário, está o homem que se relacionou com a estrutura do FC Porto como ninguém. Desde logo com o Tiago Madureira, com o Henrique Monteiro, com o scouting, com as diferentes estruturas de apoio, com a performance, com a área médica, com a nutrição. Um grande e forte gestor de homens e de recursos humanos e evidentemente de jogadores, que nesta época também se transcenderam e que assimilaram as ideias do treinador como ninguém. Que o souberam respeitar e que souberam implementar em campo as suas ideias, traduzindo-se num FC Porto atrativo e pressionante, que defende e honra os pergaminhos do clube.

É o líder certo da "famiglia portista", como ele próprio a classificou?

Sim, sem dúvida. O líder certo da família é um conceito que ele próprio criou, que abraçou. E que sem dúvida defendeu durante a época. E isto também é muito Porto. É a capacidade que estes jogadores e treinador tiveram para perceber que aqui é a nossa realidade e adaptar-se a ela.

O FC Porto não tem equipas de modalidades femininas como andebol, basquetebol e hóquei em patins, ao contrário dos rivais. É possível vir a ter até ao final do seu mandato?

No feminino, é difícil. Porque nós temos a nossa sustentabilidade económica controlada, mas urgente na mesma, principalmente relativamente a fluxos de caixa. Ter mais equipas femininas implica também custos maiores, que têm que ser controlados. É uma ambição do FC Porto. Do meu programa eleitoral, falta-me cumprir uma promessa: a confirmação da criação da Fundação Futebol Clube do Porto, que aguardamos que juridicamente esteja totalmente resolvida. Com a Fundação vem o atletismo amador e o regresso ao atletismo em várias vertentes, mas também o regresso do voleibol masculino, que até à data penso que é uma das modalidades mais vencedoras da história do clube. O futsal é o próximo passo. Está lançado na terceira divisão, com potencial para crescer. Agora, pedimos aos sócios alguma tolerância, porque o nível a que estão os nossos rivais é altíssimo, desde logo porque participam nas competições europeias, pelo que há um gap e uma margem enorme até chegarmos ao topo, até podermos ambicionar a conquistar o título na primeira divisão. Portanto, isto é para ser gradual e é para ser também um projeto formativo. O lançamento de mais modalidades femininas é um outro desafio que tem que estar relacionado intimamente com o lançamento do pavilhão em Ramalho Ortigão.

Em que ponto está esse processo?

Há um direito de superfície que foi dado ao FC Porto nos próximos 75 anos para lançar um novo pavilhão. Portanto, para pensarmos em modalidades femininas, temos que ter uma nova casa. A nova casa tem um sítio, que é esse, o pavilhão Ramalho Ortigão, mas é preciso arranjar os meios de financiamento para o construir e, depois, a longo prazo, potencialmente, esperemos, no segundo mandato, lançar esse desafio de crescer na diversidade, que é uma obrigação e uma responsabilidade social do FC Porto.

O FC Porto foi, nos últimos tempos, abordado por investidores estrangeiros?

Não, formalmente e diretamente não. Se abrirmos um dia a porta a investimento estrangeiro, seja em que moldes for, será o princípio do fim do FC Porto enquanto clube de associados. O nosso objetivo é que, enquanto clube de associados, se mantenha e se prolongue no maior espaço de tempo da sua história. É assim que deve ser. As dificuldades económicas e financeiras são típicas de um clube português. E é por isso que há que reformatar todo o novo conceito de receitas para que sejamos sustentáveis enquanto clube de associados. Eu acho que sermos um clube de associados é uma vantagem competitiva neste momento no panorama do futebol europeu, porque não estamos sujeitos às extravagâncias de diferentes proprietários que vão dominando as diferentes sociedades que gerem os diferentes clubes, sejam sociedades ou fundos. E da extravagância de um chinês se passa para um russo, de um russo para um americano, de um americano para um inglês. E nesta disrupção se vão

destruindo culturas, valores e princípios. Portanto, a entrada de capital estrangeiro no FC Porto e a presença de um acionista maioritário está fora de questão. Isso seria o fim do associativismo. Minoritário, para mim, é o princípio do fim e é algo que devemos combater. Chegar a esse ponto só num caso evidente de falência financeira técnica. É um passo que nós temos que evitar em absoluto. Portanto, se isso acontecesse, e se acontecesse comigo, seria uma falha grave minha enquanto presidente.

Não é uma perspectiva demasiado conservadora e até romântica, atendendo às dificuldades tradicionais dos clubes portugueses?

Em primeiro lugar, regressando ao aspeto de vantagem competitiva: eu acho que ela é evidente. Nós não estamos sujeitos a estas disrupções. O FC Porto é um clube de princípios e de valores e de uma exigência interna clara. Na sua génese estão os associados. Portanto, usar isto para mim é uma vantagem competitiva dentro do panorama europeu, sendo que, na parte financeira, os clubes portugueses sofrem quando competem com os outros. Depois, as novas formas de receita, desde logo aquela que nós criamos com as Dragon Notes, permitem criar sustentabilidade aos clubes de associados. Nós fomos os primeiros, os pioneiros, o Sporting seguiu-se agora com o seu próprio Lion Notes, ou o que lhe quiser chamar, e potencialmente o Benfica poderá lançar-se numa nova emissão de dívida relacionada com as receitas que o seu estádio gera para levantar capital e, no fundo, reformatar-se e reformular-se economicamente. Portanto, há novas formas de criar receita. Esgotadas essas, para onde é que caminhamos? E aqui entramos na discussão das dificuldades que os clubes europeus atualmente têm para competir com a Premier League, o animal que distingue o futebol europeu e que se tornou de tal forma poderoso que o FC Porto agora compete com clubes do Championship por jogadores, porque os da Premier League já estão noutra patamar. Portanto, como é que os clubes europeus se unem para criarem condições novas de receitas económicas que tornem viável competirem com a Premier League? Até que ponto e quando passaremos a ter competições intrafronteiriças que permitam os clubes europeus gerarem mais receitas?

Acredita que essa independência económica do FC Porto continua muito alicerçada no desempenho desportivo e na capitalização dos ativos, sobretudo os jogadores?

Sim, e no mercado de transferências. Portanto, receitas europeias, direitos audiovisuais e entradas na Liga dos Campeões.

A questão do estádio, a questão do naming é recorrente. Pergunto-lhe se o naming do estádio é negociável e quanto é que pode valer esse naming?

Se recuarmos algumas décadas, quando havia a intenção de afirmação publicitária no plano nacional, havia determinadas empresas que patrocinavam os três clubes. Se partimos de um pressuposto baixo, de que o naming de um estádio de um dos três grandes vale pelo menos três milhões de euros, qualquer empresa multinacional que se queira implementar no território nacional patrocinaria os três grandes clubes portugueses, o que implicaria imediatamente um investimento de nove milhões de euros em publicidade no território português. Portanto, isto simplesmente não é viável para as grandes companhias. Depois, companhias nacionais não se querem vincular especificamente a um clube, com medo de represálias de comportamento dos seus próprios clientes que sejam de outros clubes. Portanto, é um desafio, é preciso uma lógica muito coordenada e específica relativamente a estes investidores que queiram este nível de exposição mediática. O FC Porto está à procura, tal como está à procura a Legends pelo FC Porto.

Esse valor que tem, os tais três milhões de euros, é uma referência do mercado?

É uma referência do mercado. Isto tudo depois depende da quantidade de ativos que se metem ou que se colocam num patrocínio de um naming do estádio, mais a relação com a própria base de dados, ou seja, os adeptos do FC Porto, que nós não queremos que seja invasiva ao ponto de tratarmos a nossa base de dados como clientes que têm que servir os interesses de outras

companhias. Portanto, é tudo muito sensível. A verdade é que estamos no mercado. Acreditamos que a exposição mediática de um naming é forte. Reformula também o conceito dos estádios. Acho que o nome Dragão é unânime para todos, portanto, teria que ser mantido.

Ainda dentro do mesmo tema, mas saindo aqui um bocadinho da questão da monetização, preocupa-o esta perda de identidade no futebol, quer dentro de portas quer em termos internacionais? Vemos agora, por exemplo, que está a decorrer o Mundial, pausas para hidratação em estádios com ar condicionado, onde a temperatura é perfeitamente aceitável... Esse excesso de mercantilismo preocupa-o?

São sinais preocupantes dos tempos. Há sinais que requerem determinadas adaptações, nós também nos fomos adaptando. Estive presente na final da Copa América do ano passado, entre a Argentina e a Colômbia, e o intervalo foram 30 minutos para um espetáculo da Shakira. Portanto, eu acho que as instituições internacionais tentam reinventar também modelos económicos. São instituições sem fins lucrativos, mas que obrigam a determinadas posições, a exposição da quantidade de patrocinadores que têm, e também às vezes para oferecer um melhor produto aos adeptos, que alguns gostam, outros não. Novas realidades, acho que as mais preocupantes são as multipropriedades, onde em sede de comité de competições de clubes da UEFA mostramos cada vez mais resistência e preocupação para o domínio das mesmas. Na realidade portuguesa, essas multipropriedades são um veículo apenas de investimento, portanto as nossas sociedades desportivas que não aqueles clubes de futebol que são puramente ainda associativos estão a mudar de dono à mesma frequência, com grandes dificuldades económicas, incluídas em multipropriedades, onde servem os interesses do clube-mãe e do investidor e do proprietário e não os interesses dos seus associados e adeptos. É uma realidade transversal ao futebol europeu, cada vez mais premente, mas em relação à qual os clubes europeus estão preocupados e a tentar que não haja uma proliferação destes multiclubes europeus. Também me parece evidente que esta ideia de multiclube está a falir, porque no início foram pensadas como projetos de desenvolvimento de cadeia de jogadores, portanto, dos jogadores passarem de crescimento em crescimento e passarem de clube em clube e crescerem desportivamente. Portanto, também acho que essa ideia, esse ideal, está a falir. Mas há muitas ameaças às realidades da forma como nós, mais conservadores, pensamos no fenómeno do futebol. Agora, há sempre uma capacidade de adaptação do consumidor.

Podemos qualificar as relações do FC Porto com o Benfica e o Sporting como institucionalmente toleráveis ou há uma diferença de tratamento e respeito entre Rui Costa e Frederico Varandas? E, tendo em conta o atual cenário, é de prever uma maior aproximação entre FC Porto e Benfica?

A relação institucional com o Benfica é de grande elevação e respeito. Houve mais exageros da minha parte, enquanto presidente do FC Porto, no sentido de Rui Costa do que o contrário. Até já fiz recentemente um "mea culpa". Tento retratar-me sempre que posso e faço-o novamente aqui. Há uma rivalidade histórica com o clube líder no número de campeonatos nacionais - não no número de títulos nacionais e internacionais de futebol, que esse é nosso -, mas que o FC Porto quer ultrapassar o mais rapidamente possível. Tudo o que é mágico e que envolve o FC Porto e o Benfica é algo que devemos dignificar nessa rivalidade histórica. Ora, isso não se passa com o Sporting, simplesmente porque a sua liderança neste momento entra por um patamar de injúria, calúnia e vitimização com o FC Porto que nós não podemos tolerar. E, apesar de haver alguma unificação do ponto de vista estratégico sobre o que o futebol português precisa, a realidade é que, fruto dessa vitimização permanente, das calúnias, das injúrias que semanalmente invocam contra FC Porto, não há relação possível, nem pode haver relação possível.

Que explicação encontra para isso? O FC Porto transformou-se num alvo útil à gestão interna do Sporting?

Talvez sim, suportado por um grupo de comunicação social com maior afinidade clubística com o Sporting e que tenta, basicamente, filtrar e opinar orientado por uma visão estratégica e uma voz popular para o Sporting. Tudo o que foi feito no Sporting pelo presidente Frederico Varandas foi a

transformação de um clube recentemente vencedor, que se afirma e que foi construído para se tornar vencedor. Algo que não era, porque vivia sempre em instabilidade político-desportiva muito evidente. Portanto, isso é um sucesso e um mérito do próprio. Agora não pode é viver na permanente vitimização, injúria e calúnia para com o FC Porto, que teve o seu expoente máximo no caso do pavilhão e do cheiro a amoníaco. O Sporting ultrapassou todos os limites do razoável. O FC Porto já deu todos os documentos bem sustentados ao Ministério Público e o mais provável é acontecer um arquivamento desse caso inventado pelo Sporting. E, a partir daí, o FC Porto irá com tudo contra o Sporting.

Essa blindagem institucional do FC Porto para com o Sporting vai manter-se durante o seu mandato? Não há margem para nenhum tipo de abertura e pacificação?

Pela personalidade do próprio [Frederico Varandas] não vejo que haja qualquer possibilidade de relacionamento. São tipologias de personalidade com que eu não consigo dar-me nem respeitar.

Aquela frase de Frederico Varandas após o jogo da primeira mão das meias-finais da Taça de Portugal - "eles têm medo" - foi utilizada no balneário portista?

Bom, terá sido utilizada seguramente pelos jogadores e pelo treinador, não sei até que ponto. Há sempre estratégias de motivação que os líderes utilizam para fazer transcender os seus atletas. Acho que isso faz parte do desporto, a forma como arranjam pontos motivacionais no jogo a jogo para trazermos a vitória. Portanto, isso é mais uma pergunta para o mister Farioli do que para mim. Eu sempre fui um líder muito mais emocional e muito mais irracional. Seguramente o André Villas-Boas treinador teria utilizado. Não sei se o Francesco Farioli treinador teria feito da mesma forma que eu. Ou se o fez da mesma forma.

Qual é o seu grau de satisfação no que se refere à chave de repartição de receitas em matéria de direitos televisivos que foi aprovada na Assembleia Geral da Liga?

Bom, para já é uma concessão dos grandes, relativamente a essa chave. Os grandes basicamente são o FC Porto e o Sporting, porque o Benfica esteve fora da mesma. Houve uma concessão, mas um risco também, porque se algum dia um destes três grandes cair na quarta posição pagará pelo fator performance desportiva que está relacionado com a chave da repartição. Estou satisfeito com o que foi acordado em sede da Assembleia Geral e previamente acordado em sede de direção da Liga Centralização. Agora falta ir a mercado para chegarmos ao número que pensamos que o futebol português vale.

Qual é esse número?

Esse número situa-se entre os 200 e 250 milhões de euros. Era um número, digamos, perfeito ou perfeitamente alcançável para o futebol português. Evidentemente pode oscilar. Nós queremos que ele seja construtivo num primeiro ciclo para um segundo ciclo, tanto que vai em crescendo. Mas para isso é fundamental que o futebol português melhore na sua transversalidade relativamente a outras problemáticas, desde logo a qualidade das suas infraestruturas, a qualidade da tecnologia de VAR. Na fiscalidade também, porque permitirá aos clubes terem um pouco mais de fluxo de caixa para gerir relativamente a futuros investimentos. Portanto, há uma série de novas problemáticas que urge resolver.

Com a nova realidade dos streamings que temos visto no Mundial, acredita que o caminho é para aumentar esse valor ou está um bocadinho cético?

Há que ser criativo na forma como se vendem os direitos. Isto é mais uma resposta para o André Mosqueira do Amaral [diretor-executivo da Liga], que tem estado muito ativo na venda do produto do futebol português. Eu acho que há novas maneiras de criarmos mais conteúdos, também dos próprios clubes meterem mais ativos dentro do processo de centralização. Por isso é que o FC Porto tinha que

oferecer resistência a qualquer outra proposta, porque os três grandes, apesar de tudo, são o grande motor do futebol e nós não temos o comportamento regional que têm outros países, nem os clubes nacionais, com todo o respeito, têm o poder que têm outros clubes noutros países e noutras geografias. Portanto, enquanto motor do futebol, os três grandes tinham que se defender também nesta chave de repartição.

Mencionou também a questão dos custos de contexto, da melhoria da tecnologia VAR. Acha que estão a ser dados os passos corretos ou poderia ter sido feito muito mais?

É necessário mudar o licenciamento, as exigências do licenciamento. Essa é uma preocupação que existe, também muito via do que aconteceu com o FC Porto B na época passada. A uniformização da tecnologia VAR em todos os estádios portugueses é premente, esse é o primeiro passo. Mas antes de passarmos ao passo tecnológico, é precisa uma uniformização da tecnologia VAR em todos os estádios. As mesmas câmaras, a mesma qualidade, o mesmo número de câmaras. E depois a melhoria da tecnologia e das ferramentas. Portanto, desde logo, linha de golo e offside semiautomáticos. Essas alterações tecnológicas devem estar vinculadas também à centralização, numa parceria que poderia ser feita com a Federação Portuguesa de Futebol e com a Liga Portugal, para, de certa forma, suportar os custos iniciais desse tipo de investimentos, que é uma das grandes problemáticas que os clubes levantam relativamente à uniformização do sistema da tecnologia. Ultrapassadas essas problemáticas, o produto do futebol português também melhora, há menos caos nos nossos jogos, melhores decisões de arbitragem. A tecnologia ao serviço da verdade desportiva. E não ter casos, como tivemos o ano passado, no FC Porto B, em que um offside evidente não foi decidido por conta da exposição à luz solar e ao posicionamento da câmara e das colunas dos estádios é algo patético que temos de combater. Nós fizemos muito barulho o ano passado, agora temos a Federação finalmente connosco, porque em sede da Liga Portugal, o Pedro Proença foi muito recetor deste nosso movimento e agora quer passar para essa obrigatoriedade como promotor de uma melhoria. As câmaras utilizadas na Premier League para decidir foras de jogo são capazes de decidir 60 frames por segundo. As câmaras portuguesas estão entre os 5 e os 10 frames por segundo para tomar uma decisão sobre um fora de jogo. Portanto, isso é a diferença entre a bola estar colada ao pé ou estar ligeiramente afastada em cinco centímetros. A partir daí, é muito mais difícil para quem opera a tecnologia VAR tomar decisões que sejam coerentes. Portanto, há uma parte que está relacionada com a tecnologia e há outra parte que está relacionada com a informação e a educação dos próprios árbitros, que tem a ver com o Conselho de Arbitragem, com o próprio desenvolvimento dos árbitros e a forma como são penalizados ou recompensados. Já vimos árbitros que passam de apitar um jogo na Liga 2 promovidos para um clássico e não vimos uma regularidade que compense relativamente os melhores.

A qualidade dos árbitros é um problema no futebol português?

A uniformização de critérios de decisão é uma das grandes problemáticas do futebol europeu ou mundial, digamos assim. Há uma tentativa imediata de uniformizar critérios, esse é o ponto fundamental. O que é que aconteceu este ano desde a tomada de posse do Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Pedro Proença? Aconteceu uma liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem que não funcionou, mais uma exposição pública e mediática dos árbitros, com diferentes identificações do critério em situações que para nós nos parecem similares e que acabaram por confundir também os próprios árbitros e levaram a uma deterioração evidente da qualidade de arbitragem e dos critérios em determinados lances. Todos lutamos por uma uniformização clara dos critérios de arbitragem: o que é um penálti, o que é uma mão, e o que é uma falta, uma falta para amarelo, o que é uma falta para vermelho. No fundo, as grandes decisões. O presidente da Federação Portuguesa de Futebol pede tempo para o seu Conselho de Arbitragem funcionar na plenitude. Esta primeira época foi um falhanço evidente. Houve, da parte dos próprios, um recuar relativamente à exposição dos árbitros, que eu acho que foi positivo. Vamos ver na próxima época que tipo de posicionamento vai ter esta liderança bicéfala do Conselho de Arbitragem relativamente ao que aconteceu nesta época. Não foi positiva, foi difícil. Agora, também me parece evidente que determinados grupos de comunicação social vivem mediaticamente das más decisões de arbitragem para criar programas e conteúdos que atraem

peças. Não estou a dizer que é o vosso [grupo], mas há também da parte da comunicação social um empolamento destas decisões, porque causam, evidentemente, controvérsia, causam caos, trazem atenção e chamam atenção. E trazem, no fundo, receitas.

O FC Porto está mais satisfeito com o presidente da Liga? E com a Liga em geral?

Bom, nós não fomos apoiantes desta candidatura. Já publicamente felicitei o Reinaldo Teixeira pelo trabalho feito, principalmente no caso que está relacionado com a centralização de direitos audiovisuais. Foi uma das suas grandes vitórias deste seu primeiro mandato que termina em 2027. Agora levantam-se outras problemáticas. Digamos que a sua concentração esteve sobretudo nesse campo, agora falta a parte que está relacionada com a competição, com a organização de jogos, a parte que está relacionada com o fair play financeiro, que suponho e espero que sejam bandeiras da sua candidatura ao segundo mandato. Depois o FC Porto tomará as suas posições relativamente a este ou a outros candidatos.

Que transformações foram feitas no âmbito do futebol de formação que conduziram a este sucesso, para muitos inesperado, em todos os escalões?

Foram transformações profundas que queremos sustentar no tempo. É o mesmo que queremos fazer relativamente à equipa sénior: que o FC Porto não deixe mais este lugar, que é seu, que é o primeiro lugar, na formação também. Apesar de tudo, não é necessário ganhar títulos na formação para termos uma boa formação, uma visão e um projeto identificativo do que é um jogador à FC Porto que quer chegar à equipa principal. Neste campo, encontrámos estabilidade, desde que colocamos o José Tavares nesta posição, um homem que conhece profundamente a casa, onde já foi vencedor, e que gradualmente implementa de novo o seu projeto, a sua visão formativa. Desde 2010-2011, em 39 títulos disponíveis, o FC Porto, na formação, só tinha ganho seis. Portanto, conquistar de volta um pleno é algo muito reconfortante relativamente ao futuro. O bingo do pleno é que estes miúdos cheguem, efetivamente, à equipa principal, pelo que esse projeto é muito mais a médio e longo prazo. A afirmação deste pleno que terminamos agora com os sub-15 só se conquistará dentro de quatro anos, quando, por exemplo, o Tiago Portugal chegar à equipa principal. Portanto, ganhar títulos foi a consolidação também desse projeto formativo que trouxe o Tiago Portugal como exemplo à equipa principal. É um projeto formativo que corresponde sempre a 10 anos. Serão 10 anos em que eu espero que o José Tavares esteja à frente do projeto. Se vincularmos isto a mandatos ou a anos de mandatos, serão 12 anos, basicamente, seguindo as melhores práticas. Quantos jogadores da formação chegarão à equipa principal com capacidade para ganhar títulos e se afirmarem no panorama de jogador do FC Porto?

O FC Porto mudou um bocadinho a estratégia para blindar os jogadores em função daquilo que aconteceu com o Cardoso Varela?

No caso do Cardoso Varela, o FC Porto fez o barulho necessário para que um caso como esse não volte a acontecer. O Cardoso Varela não está sentado aqui ao meu lado, mas estou seguramente convicto que provavelmente diria que cometeu um erro. Não por si, mas pela ganância de outros que o levaram a sair do FC Porto. A ganância de outros provavelmente vendida à sua família, uma família pobre, de grandes dificuldades económicas, que provavelmente se deixou ir por palavras e por um outro sonho. Não quero dizer que essas mudanças às vezes não funcionem. Na realidade do Cardoso Varela é que não funcionou, o jogador está perdido na Croácia, no Dínamo de Zagreb B, à espera de um melhor futuro e, com certeza, lamenta que tenha dado este passo, principalmente quando o FC Porto defendeu de forma muito clara o seu futuro, quando o Vítor Bruno lhe disse que seria englobado na pré-época da equipa principal, tal como o Rodrigo Mora. Custa ver que um talento como ele se tenha perdido. Depois há outra parte que está relacionada com o assédio a jovens, que é uma competição. Isto está relacionado com o crescimento exponencial dos clubes da Premier League, que neste momento têm redes de scouting absolutamente infalíveis. Mas não só as redes de scouting, como também a análise de dados, as ferramentas de dados, as ferramentas de filtros desses dados, que lhes permite chegar ao talento muito mais rápido do que os clubes portugueses, que normalmente

eram utilizados como pontes para chegarem a esses clubes, e que nos obrigam também a defender os nossos próprios ativos com melhores condições, melhores ofertas, melhor venda do que é um projeto formativo futuro.

Mas o contrário também acontece. O FC Porto contratou agora um prodígio de 16 anos da Noruega.

Mas com acordo total de clube. O FC Porto pagou caro por um miúdo de 16 anos, pelo potencial de jogador futuro, que vem para uma escola melhor, que nós acreditamos que é esta, quando a competição é maior, para se desenvolver, mas que nunca foi feita à revelia do Fredrikstad, neste caso. Portanto, o FC Porto não deixa de pagar cerca de 1,8 milhões por um diamante por lapidar, basicamente.

E esse trabalho em dupla via, vamos chamar-lhe assim, tem que continuar a ser feito?

Sim, no fundo é uma lógica muito simples....

... mas não há o risco de ser mal entendido pelos sócios? Vamos apostar na formação, mas depois vamos contratar fora um miúdo de 16 anos?

O FC Porto sempre se afirmou, não só na formação, mas também e sobretudo, no seu scouting ao longo dos anos. Foi capaz de convencer os melhores jogadores do mundo, que depois se afirmaram mais tarde, a passarem pela escola FC Porto. O FC Porto distinguiu-se por conseguir atrair o melhor talento do mundo, desde logo James Rodriguez, Falcao, Hulk, etc. Juntando depois a isso a escola formativa do clube, como jogadores como Ricardo Carvalho, Vitinha, Rúben Neves e Diogo Costa, entre outros. Na sua linha de scouting, o FC Porto tem que se antecipar cada vez mais aos outros e ir buscar aos 16 e aos 17 anos, enquanto eles custam mais ou menos entre os 2 e os 10 milhões de euros. Porque, a partir daí, custam entre os 10 e os 20, os 20 e os 30, e os 30 e os 40.

Qual é a política atual do FC Porto perante os agentes?

O FC Porto trabalha com todos. E isso é outro dos grandes fenómenos em mutação no futebol atualmente. Porque os jogadores passam a transitar entre agências. Ou seja, a relação de compromisso, de amor, daquele que primeiro te identificou e que te vai levar até ao fim da tua carreira, deixou de existir. Os jogadores são assediados por outros agentes com compensações, para virem para as suas agências, porque também esses fazem o seu próprio scout relativamente ao seu potencial talento e ao que eles podem render futuramente. Houve um corte de uma relação umbilical com aquele agente que descobriu o talento e ficou com esse talento até ao fim da sua carreira. Os jogadores agora são assediados por outros agentes e vemos por isso muitos câmbios. Esse é o primeiro fenómeno. O segundo fenómeno é que os fundos começaram a comprar as agências de jogadores. Portanto, há basicamente um, dois, três fundos que dominam praticamente 20 agências de jogadores de futebol. E esse é o novo veículo pelo qual poderemos ver ainda mudanças mais dinâmicas e específicas entre clubes, pelos interesses de determinados fundos em colocar determinados jogadores em determinados clubes. Portanto, tudo novas problemáticas e novos fenómenos.

Nesta altura não há agentes preferenciais?

Não, deixou de haver. É o representante do atleta, basicamente.

Para fechar o capítulo da formação, o FC Porto conseguiu o pleno andando com a casa às costas, como o próprio André reconheceu. Na melhor das hipóteses, quando é que teremos o Centro de Alto Rendimento em Gaia concluído e quando é que vai ser dado esse passo decisivo para poder dar alguma estabilidade também à formação em termos logísticos e infraestruturais?

É um processo longo e difícil, sobretudo pela falta de capacidade económica do FC Porto de

autossustentar o projeto. O nosso desafio é escolher o veículo financeiro para construir o centro de treino. O FC Porto fez duas coisas. Uma, pagou com o seu próprio capital a compra do terreno, detendo a propriedade do Centro de Alto Rendimento. Pagou também do seu bolso a movimentação de terras, que tem nove meses pela frente, fruto da inclinação que está associada ao terreno. Construir um centro de treinos daquela dimensão terá um custo a situar-se entre os 40 a 50 milhões de euros, fruto também do aumento dos custos.

Difícilmente vê como concluído no final deste seu mandato?

Difícilmente. Estamos em campo para escolher esse veículo financeiro para avançar para a sua construção. Mas é uma problemática grande para nós.

Podemos deduzir que está em condições de nos dizer que se vai recandidatar? Está a dois anos de concluir o mandato, o tempo passa muito rápido....

Sim, passa rápido. Um título está conquistado em dois anos restam mais dois por disputar, sendo que o último apanhará, evidentemente, as eleições de abril, perante os estatutos do FC Porto. Acho que os sócios votarão pelo trabalho. Eu sempre disse que o presidente do FC Porto deve ser eleito de forma unânime. Penso que é isto que une também os portistas. O FC Porto é mais forte quando está unido. Por muito que eu goste de respeitar a democracia, penso que a história do FC Porto obriga a que o seu presidente seja eleito de forma unânime, para que haja união comum em torno de objetivos a atingir, que é o sucesso do clube. Dito desta forma, enquanto o meu projeto FC Porto, seja ele qual for, for unânime, aqui estarei para liderá-lo. A partir do momento em que eu perceber que deixo de ser unânime, nem sequer me recandidato, porque antes de ser presidente sou também sócio, sei perceber as dinâmicas que estão associadas à união do clube e jamais me poderia candidatar se visse que não tinha um projeto claramente vencedor.

Portanto, conta com uma vitória ainda mais esmagadora dentro de dois anos.

Em primeiro lugar, espero conquistar o título 2026-2027 e, a partir daí, ser a base da construção de um FC Porto cada vez melhor.

Essas feridas do passado já foram todas lambidas? Essa pacificação e conciliação já foram alcançadas?

O FC Porto agarra-se a este passado, por isso é que fizemos também esta entrevista no museu, pela construção da sua história, pelo reconhecimento único do clube que somos e dos princípios e valores que nos marcam enquanto adeptos. Eu fui marcado por esta geração, pela liderança de Pinto da Costa, que foi de 42 anos. Tenho 48 anos, portanto, altamente e profundamente marcada por uma liderança única e vencedora. Estes novos sócios que agora chegam, que crescem a 20% ao ano, eu quero que eles sejam marcados da mesma forma que eu.

O que é que o FC Porto não tinha quando chegou à presidência e agora tem?

Houve, sobretudo, uma mudança radical em termos de projeto, sustentabilidade económica, relacionamento com a massa associativa, na forma de comunicar com o verdadeiro dono do clube e, se calhar, uma visão mais projetada no tempo, fruto da juventude do seu atual presidente. Foi nisso que os sócios votaram, basicamente. Há uma nova forma de nos relacionarmos com os associados, mais viva, mais direta, frontal e honesta, que os honra. Ser sócio do FC Porto, ter um lugar anual, custa dinheiro, é muito caro. E é por isso que os sócios também têm que ser recompensados, na forma como se relacionam com o seu clube de coração. Como é que se melhora isso? Acessibilidades, serviços, comunicação, benefícios e títulos.

Para si, ainda faz sentido o mantra "nós contra Lisboa"?

Acho que não há outra forma de o ver enquanto se mantiver a disparidade de tratamento

relativamente ao FC Porto, aos seus méritos, à forma como conquista, à forma como nos penalizam, como desgostam de nós, como desgostam dos nossos ativos. Acho que é uma cultura muito própria nossa, mas que deve ser sustentada no tempo.

O período de convulsão interna que o FC Porto viveu antes de o André chegar à presidência teve também uma relação direta com as claques. Qual é o estado da arte em termos de relações institucionais entre a direção do clube e as organizações de adeptos?

Há uma relação muito estreita e direta com o grupo organizado de adeptos, após uma revisão profunda do protocolo. Protocolo esse que, um dia, como vocês bem sabem, eu queria ver lançado e aprovado em sede da Assembleia Geral. Penso que já não precisamos desse passo, porque a relação é cordial, é frontal. O que sobretudo deixou de acontecer com um dos grupos organizados de adeptos é que deixou de haver desvio de fundos. Isto é claro e é factual. O FC Porto perdia cerca de dois milhões de euros por ano relativamente à bilhética que estava relacionada com um grupo organizado de adeptos, mais outras problemáticas que estavam relacionadas com algumas casas. Portanto, isso ficou resolvido a partir do momento em que o FC Porto se transformou digitalmente e deixou de haver capacidade de haver ilícitos relacionados com a bilhética. A partir do momento em que isso deixou de acontecer, a relação passou a ser factual, frontal e honesta. Evidentemente, houve retaliação, mas houve uma retaliação desportiva relativamente à época 2024-2025, que se eu fosse adepto a teria feito também da mesma forma, não da forma violenta, mas de forma vocal e comunicativa relativamente a objetivos que tínhamos obrigatoriamente que atingir e não atingimos. Se calhar houve pouca tolerância para um ano de transição, absolutamente necessário, porque as fragilidades económicas que nós encontramos... Algumas são públicas, outras só nós sabemos. E foram muitas e duras. O FC Porto, que era um clube que tinha salários em atraso, não incumpriu uma única vez com nenhum dos atletas em nenhuma modalidade e nenhum dos seus funcionários em 2025-2026. Isto é algo que nos orgulha enquanto gestores e é o patamar de excelência que queremos atingir para o futuro.

O Sérgio Conceição deu-lhes parabéns depois deste título de futebol?

Deu os parabéns ao FC Porto, como tinha de ser. Percebendo a vossa entrada no lado que nos relaciona com o Sérgio, quero lembrar que o Sérgio também construiu este museu onde nos encontramos. É dos treinadores mais vitoriosos de sempre da história do FC Porto, em número de títulos, e é alguém que está intimamente relacionado com o clube. Eu disse ao próprio que não queria que lhe acontecesse o que aconteceu comigo, que foi um distanciamento da instituição para com o treinador André Villas-Boas, provavelmente fruto das ambições de destino de vida do André Villas-Boas, sócio do FC Porto. A verdade é que aconteceu muito por conta do FC Porto ter escolhido um seu anterior adjunto [Vítor Bruno] como futuro treinador principal e, na cabeça do treinador Sérgio Conceição, essas coisas que estão relacionadas no campo emocional com as lealdades e as traições, provavelmente o atraíram de uma forma que ele pensa que é desonesta, mas que é honesta em todos os sentidos. O FC Porto tinha que ser livre nas suas escolhas, era o que mais faltava se não fosse. No entanto, eu gostava muito de receber o Sérgio Conceição no centro do relvado.

É um convite?

É um convite que o próprio não irá aceitar. Recebê-lo num estádio cheio. Seguramente não aceitará comigo na presidência do FC Porto. De estádio cheio, adeptos de pé, a aplaudir um treinador histórico. Esse é o reconhecimento que ele merece. E acho que é algo que já distinguiu esta presidência relativamente ao José Mourinho e relativamente ao Vítor Pereira. Gostava muito que o Sérgio tivesse esse momento, tal como o Pepe. Se os próprios entendem que com esta presidência é impossível, é um problema que lhes corresponde e ao qual eu sou completamente alheio. O meu desejo é esse. Gostava que tivéssemos essa oportunidade.

Certamente tem acompanhado o Mundial de Futebol. Como é que viu esta entrada de Portugal? Completamente em falso?

Sim e não. Em primeiro lugar, do ponto de vista desportivo, conta pouco. É possível inverter, é possível que Portugal ganhe na mesma o Campeonato do Mundo que alimenta os sonhos de todos os portugueses. É uma entrada em falso que aconteceu com muitas outras seleções que empataram os seus primeiros jogos, desde logo as favoritas...

Mas que fizeram mais remates à baliza.

Mas a Espanha também empatou e há muitas outras seleções nacionais que são candidatas que empataram e que tiveram dificuldades. Portanto, em primeiro lugar, enquadrar do ponto de vista qualificação. Do ponto de vista desportivo, a exibição foi fraca, não esteve à altura do que é uma geração de ouro absoluto do futebol português. Isso parece-me evidente, penaliza-nos e obriga-nos a uma semana de críticas absurdas e de dúvidas relativamente à qualidade de cada um daqueles jogadores. Portanto, acho que tem que haver um enquadramento natural do processo competitivo e esse acho que não está em causa. É altura de repensar, de se refocarem, de pensar estratégias, se calhar de irem menos à praia e de irem mais à sala de reuniões. E, evidentemente, nessa força da união, Portugal tem todas as condições ainda para se qualificar, que também era o que mais faltava num grupo daqueles. Posto isto, ambições ainda desmedidas, porque é uma geração de ouro, porque queremos, ambicionamos muito, porque queremos também que o maior talento do futebol mundial, o homem que deu tanto a Portugal [Cristiano Ronaldo] saia agarrado ao troféu de campeão do Mundo, tal como Messi fez no Catar.

Se calhar também tem que sair um bocadinho durante os jogos, quando estiver cansado.

Isso faz parte da gestão do treinador. O treinador gere como bem entender o máximo goleador da história do futebol. E ele saberá melhor como geri-lo. Agora, a verdade é que sim, a seleção nacional obrigou-nos a esta semana dura de repensamento, de críticas, de dúvidas e de penalização, mas penso que se reencontrará. Queremos crer, talento suficiente tem para o fazer e acho que dará a melhor imagem no próximo jogo.

Preocupa-o perder o Diogo Costa, guarda-redes da seleção?

O Diogo é o futuro deste clube, quero muito vê-lo entrar em campo com a camisola 2 para o ano, mas é um dos melhores ativos do FC Porto, tem as suas próprias ambições. Tem uma carreira única e sem paralelo no FC Porto. Quer vencer aqui e quer continuar a vencer. Portanto, nós estamos encantados da vida em tê-lo aqui de braçadeira no braço e com o número 2 nas costas.

Diogo Costa vai estar no Dragão na próxima época?

Não sei se vai cá estar porque é uma decisão tripartida entre proposta, clube, o FC Porto aceitar a cláusula de rescisão ou não, e depois o atleta chegar a acordo com determinado clube. Portanto, eu não posso dizer que o Diogo não é dos atletas mais assediados que nós temos.

Quem ficou de fora, e já tinha sido anteriormente chamado aos trabalhos da seleção A, foi o Rodrigo Mora, também ele um jogador muito assediado. Acha que vai ser possível ele continuar no FC Porto?

O nosso objetivo é manter a base, mas não desligando da sustentabilidade económica e financeira. Portanto, há claramente uma necessidade de fazermos tesouraria, de fazermos transferências para termos dinheiro e operarmos com as nossas responsabilidades. O objetivo é manter a base e mexermos o mínimo possível. Nessa base estão os melhores jogadores do FC Porto, os seus melhores ativos. No nosso pensamento tem que estar pagar salários aos jogadores, pagar salários aos funcionários, cumprir com as nossas responsabilidades e cumprir com um mercado de transferências de 100 milhões de euros do ano passado.

[Additional Text]:

André Villas-Boas, presidente do FC Porto

Imagem do autor Vítor Santos

Imagem do autor Pedro Ivo Carvalho

Imagem do autor Nuno Vieira

Vítor Santos